



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPOS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

SCHEILA MARIA BOLZAN

**POLÍTICA, DISCURSO E CIDADE:
CHAPECÓ-SC, INÍCIO DOS ANOS 1950**

CHAPECÓ- SC

2017

SCHEILA MARIA BOLZAN

**POLÍTICA, DISCURSO E CIDADE:
CHAPECÓ-SC, INÍCIO DOS ANOS 1950**

Trabalho de conclusão de curso de graduação, apresentado como requisito para obtenção de grau de licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientador (a): Samira Moretto

CHAPECÓ- SC

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Bolzan, Scheila Maria
Política, Discurso e Cidade: Chapecó - SC, início
dos anos 1950/ Scheila Maria Bolzan. -- 2017.
63 f.

Orientadora: Samira Moretto.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História
, Chapecó, SC, 2017.

1. . I. Moretto, Samira, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.



**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Aos cinco dias do mês de julho de dois mil e dezessete, às quatorze horas nas dependências do Campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos professores: **Samira Peruchi Moretto (Orientadora)**, **Marlon Brandt (UFFS)** e **Francimar Petroli (UFRGS)**. O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura – elaborado pela acadêmica **Scheila Maria Bolzan** sob o título: *Política, Discurso e Cidade: Chapecó-SC, início dos anos 1950* obteve a média final 9.5 sendo considerado aprovada.

Chapecó - SC, 05 de julho de 2017.

Samira P. Moretto

Samira Peruchi Moretto - Orientadora

M. Brandt

Marlon Brandt - Avaliador 1

Francimar I.S. Petroli

Francimar Petroli - Avaliador 2

Dedico este trabalho as pessoas que mais amo na vida, meus pais por terem me incentivado, meu namorado por estar sempre ao meu lado, ao meu avô João (in memória) que teria ficado imensamente feliz em me ver chegando até aqui, e a minha avó Martina por todas as orações e apoio durante esta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado condições de chegar até aqui. A minha família, e aos meus pais Selvino Bolzan e Maria Goreti Bolzan, que sempre me incentivaram e deram apoio em tudo o que precisei nesta jornada, ouvindo minhas lamentações e me dando consolo.

Agradeço imensamente ao meu namorado Vitor da Luz que esteve sempre ao meu lado, me apoiando e tendo paciência nos momentos difíceis. A dona Inês da Luz, ao Seu João da Luz e ao João Vinício da Luz que compreenderam e colaboraram com esta trajetória.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a Samira Moretto por ter confiado no meu trabalho, ter sido paciente e compreensiva, me acalmando durante as orientações. Sua colaboração foi de fundamental importância.

Ao Prof.^o Me. Francimar Ilha da Silva Petrolí, por ter acreditado na minha proposta e estimulado o desenvolvimento do projeto de pesquisa, agradeço por toda a contribuição e por não me deixar desistir, confiando na minha capacidade.

Às minhas ex-colegas de trabalho do CEOM – Centro de Memórias do Oeste de Santa Catarina- que contribuíram decisivamente na escolha do meu tema. Não posso deixar de agradecer a Aniela Rockenbach Mezzomo, por toda compreensão e profissionalismo durante os últimos meses da minha caminhada.

Minha gratidão eterna aos meus avós, seu João Brasso (in memória) e dona Martina Julian Brasso, por tudo o que fizeram por mim durante este período, por terem compreendido a distância, pelas palavras de carinho e afeto, pelas orações e pelos abraços. Pelas horas de conversa e pelas memórias do velho Chapecó que foram compartilhadas, peço desculpas por não ter tido tempo hábil de ter contado a ti vô João o final do linchamento, onde estiver saiba que meu coração estará com você.

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte desta trajetória, saibam que vocês são muito importantes para mim.

Às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos.

Cidades sonhadas, desejadas, temidas, odiadas; cidades inalcançáveis ou terrivelmente reais, mas que possuem essa força do imaginário de qualificar o mundo. Tais representações foram e são capazes de até mesmo se imporem como as 'verdadeiras', as 'reais', as 'concretas' cidades em que vivemos. Afinal, o que chamamos de 'mundo real' é aquele trazido por nossos sentidos, os quais nos permitem compreender a realidade e enxergá-la desta ou daquela forma. Pois o imaginário é esse motor de ação do homem ao longo de sua existência, é esse agente de atribuição de significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas, resultem elas em obras exequíveis e concretas ou se atenham à esfera do pensamento ou às utopias que não realizaram, mas que um dia foram concebidas. (PESAVENTO, 2007.p. 11.)

RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar os discursos de cidade, proferidos a partir do início dos anos 1950. A delimitação temporal foi escolhida devido a uma série de modificações ocorridas no início da década, que provocaram um debate mais intenso sobre a urbe. Neste período novas lideranças políticas assumiram o poder local, as mesmas tinham a intenção de reestruturar a cidade, que em outubro de 1950 teve sua imagem fortemente abalada, devido ao linchamento de quatro pessoas em praça pública. Ao mesmo tempo em que percebemos a intensão destas na tentativa de desconstruir a imagem heroicizada dos colonizadores, que detinham o poder e o prestígio político até então em Chapecó. Buscamos compreender, a partir dos jornais locais, a modificação discursiva que ocorreu durante o início da década. Atinando ao fato de que até dezembro de 1950 exista apenas um jornal que circulava pela cidade, e após a nova administração municipal assumir, dois novos jornais são criados, com intuito de contribuir com as ações da administração que assumiu o poder. Gerando com isso uma onda de discursos sobre a cidade, diferente do que era visto até então. Mais voltados a questões partidárias, políticas, sociais, culturais e desenvolvimentistas. Em certo ponto estas modificações contribuíram, mas ao mesmo tempo prejudicaram a formação da imagem da cidade. Para realização desta pesquisa trabalharemos com os jornais “A Voz de Chapecó”, “O Imparcial” e o “Jornal do Povo”. Com a leitura das fontes, é possível compreender que no início da década ocorrem continuidades e rupturas na proliferação discursiva sobre a cidade, a partir do que foi publicado nos jornais, algumas destas modificações estão presentes com maior e outras com menor intensidade.

Palavras-chave: Chapecó. Cidade. Jornais. Política. Discursos.

ABSTRACT

The proposal of this work is to analyze the discourses of city, given from the beginning of the 1950s. The temporal delimitation was chosen due to a series of changes occurred at the beginning of the decade, which provoked a more intense debate about the city. During this period new political leaders took over the local power, they had the intention to restructure the city, that in October of 1950 had its image shaken strongly, due to the lynching of four people in public square. At the same time that we perceive the intensity of these in the attempt to deconstruct the heroic image of the colonizers, who held the power and the political prestige until then in Chapecó. We seek to understand, from the local newspapers, the discursive modification that occurred during the beginning of the decade. Attention to the fact that until December 1950 there is only one newspaper that circulated throughout the city, and after the new municipal administration takes over, two new newspapers are created in order to contribute to the actions of the administration that took office. Generating with it a wave of discourses about the city, different from what was seen until then. More focused on partisan, political, social, cultural and developmental issues. At one point these changes contributed, but at the same time, they damaged the image of the city. To carry out this research, we will work with the newspapers "A Voz de Chapecó", "O Imparcial" and "Jornal do Povo". With the reading of the sources, it is possible to understand that at the beginning of the decade there are continuities and ruptures in the discursive proliferation on the city, from what was published in the newspapers, some of these modifications are present with greater and others with less intensity.

Keywords: Chapecó. City. Newspaper. Policy. Speeches.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. CHAPECÓ DAS DÉCADAS DE 1930 – 1950	16
2.1 DISCURSOS DE UMA CIDADE MODERNA (1931-1945)	16
2.2 CENÁRIO SOCIAL, ECONÔMICO E POLÍTICO DE CHAPECÓ NO INÍCIO DOS ANOS DE 1950.....	24
3. CHAPECÓ NOS PRIMEIROS ANOS DE 1950, CONTADA A PARTIR DOS JORNAIS.....	33
3.1 MODIFICAÇÕES DISCURSIVAS EM CHAPECÓ.....	33
3.2 UTILIZAÇÕES POLÍTICAS DO JORNAL PARA A CONTINUIDADE DO PROJETO DE UMA CIDADE DESENVOLVIDA E DE PROGRESSO.	46
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
FONTES.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

1. INTRODUÇÃO

O que se propõe neste trabalho é efetuar uma análise da forma como foi construído o perfil da cidade de Chapecó, a partir dos discursos proferidos por grupos políticos e econômicos, que possuíam prestígio intelectual, no início dos anos 1950. Mais precisamente quando mencionamos o início da década de 1950, estamos nos referindo ao biênio 1950/1951, sendo este o período em que é feita a análise das fontes. Tendo como subsídio para desenvolver esta análise os jornais locais do período, estes possibilitarão compreender como foram construídos tais discursos que buscaram o progresso e o desenvolvimento da cidade.

Lembrando que, o início da década foi palco de acontecimentos marcantes na história chapecoense, como o incidente de outubro 1950 - o linchamento de quatro pessoas em praça pública - ocorrido logo após a igreja católica ter sido incendiada. Segundo Monica Hass¹ o linchamento pode ter sido motivado por questões políticas que envolviam as eleições daquele ano, estas causadoras de mudanças no cenário político municipal. Segundo as narrativas de Hass, o citado período caracterizou-se por intensas dificuldades na área econômica, que teria levado a estagnação do chamado “progresso” da cidade, por determinado período de tempo.

A intenção deste trabalho é identificar se houve uma modificação nos discursos vindos de grupos que dominavam o poder econômico e político de Chapecó, durante o início da década de 1950, após as eleições e o linchamento. Nosso objetivo é entender a formação discursiva durante o período, e o que foi publicado nos jornais “O Imparcial”, “A Voz de Chapecó” e “Jornal do Povo”. Com o intuito de compreender como foram pensados os problemas da urbe, e o seu desenvolvimento a partir de então.

A preocupação dos historiadores com as cidades e com o urbano segundo Sandra Pesavento² é resgata-la como real, através de suas leituras e de suas representações, mostrando que esta é parte integrante da realidade. “Os historiadores passaram a se preocupar mais diretamente com a cidade apenas no final do século XIX, em função das migrações e imigrações em grande escala de população [...]”³. A historiografia brasileira a respeito do assunto ganha força no final do século XX e início do século XXI.

¹ HASS, Mônica. **Os partidos políticos e a elite chapecoense**: um estudo do poder local 1945 – 1965. Chapecó: Argos, 2000. (Monica Hass, atualmente é professora do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul, e possui dois brilhantes trabalhos sobre Chapecó utilizados em nossa pesquisa, um que busca retratar o linchamento e outro que estuda os partidos políticos durante as décadas de 1945 a 1965 em Chapecó.)

² PESAVENTO, Sandra. J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, v.8, n.16, p.279-90, 1995.

³ MONTEIRO, Charles. Entre História Urbana e História da Cidade: questões e debate. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 5, n.1, jan./jun. p. 101-112, 2012. p.105.

Surgiram a partir de então vários estudos sobre o urbano com diversas abordagens. Segundo Charles Monteiro⁴ algumas das abordagens mais relevantes são de questão técnica, social, formação de identidade social, nova sensibilidade burguesa sobre a cidade, entre outras. É possível perceber que no âmbito regional, houve preocupação por parte dos historiadores com a historiografia do Oeste de Santa Catarina, apenas a partir da década de 1990. Neste período começou a ser desenvolvido um número maior de trabalhos sobre o assunto, segundo Fernando Vitoria⁵ estes se voltaram principalmente a questões de espaço, relações sociais, econômicas, culturais e políticas.

Pensando que existe pouca produção historiográfica de Chapecó na década de 1950 sobre prática discursiva, é que produzimos este trabalho. Buscando contribuir assim para diminuir a carência historiográfica. Faremos uma análise sobre o assunto cujo enfoque centra-se no biênio 1950/1951. Problematizando a história local a partir da cultura urbana, em uma perspectiva mais voltada a cidade, seus discursos, e sua construção imaginária, com uma abordagem da história e da linguagem.

A intenção deste estudo é entender a cidade através de seus traços, suas palavras e prática discursiva, dando voz aos grupos sociais, que a discutiam no período. Pretendemos fazer uma leitura diferenciada dos discursos que foram publicados nos jornais. Observando nossa fonte percebemos modificações na forma de pensar a cidade a partir de 1950, pois os diversos acontecimentos deste ano mexeram com a estrutura de Chapecó. Analisaremos como as práticas discursivas não tinham a neutralidade proclamada, e acabaram construindo uma imagem de cidade a partir de certos interesses principalmente interesses “privados”.

Assim o problema central do trabalho é entender a prática discursiva dos cidadãos que se utilizavam dos jornais, para expressar seus anseios sobre a cidade, após os acontecimentos do início da década. O que levou a uma valorização nos discursos da urbe, principalmente nos artigos publicados nos jornais locais.

Para compreender de forma mais ampla este estudo, algumas concepções de cidade tanto no âmbito nacional como regional serão necessárias. Possibilitando assim perceber assuntos como os apontados por Maria Stella Bresciani⁶ e Sandra Pesavento⁷, que discutem as questões de cidades imaginadas e idealizadas. Ambas as autoras são essenciais para

⁴ Ibid, p. 101-112.

⁵ VITORIA, Fernando Antonio De “Velho Xaçepó” a “Polo formador de polos”: A construção discursiva da “Capital do Oeste”. 2011. 156.p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

⁶ BRESCIANI, Maria Stella. A cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 6, n. 2, p. 9-26, nov. 2004.

⁷ PESAVENTO, Sandra. Cidades imaginárias: literatura história e sensibilidades. **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**. [S. l.]. Vol 6, ano VI, n. 1, jan./fev./mar. 2009.

compreender e desenvolver um bom trabalho sobre o assunto, pois são nomes de peso com relação à historiografia da cidade. E dão um suporte teórico metodológico importante, no decorrer da pesquisa, para compreendermos várias questões de Chapecó.

Quando trabalhamos no âmbito da historiografia regional sobre a cidade, nos utilizamos de Eunice Nodari⁸, que indigita para alguns discursos proferidos por meio da imprensa, que buscam transformar Chapecó na cidade desejada pela elite. Ao mesmo tempo mostrando o cotidiano citadino do período, e a tentativa de regulá-lo, antes, durante e após a década de 1950. Neste mesmo rumo Francimar Petrolí⁹ trás grande contribuição a pesquisa, ao escreve sobre Chapecó nas décadas anteriores e fazer uma discussão semelhante a nossa. Utilizando os jornais além de outras fontes, ele busca identificar os discursos de modernidade, com o intuito de entender como o desejo de uma cidade projetada surgiu. Ambos os trabalhos contribuem para percebermos a forma em que a cidade emerge como problema, nesta busca pela modernidade. Também para entendê-la através de suas palavras. Tendo como preocupação central questões sobre política, discurso e cidade no contexto da construção de Chapecó.

No que diz respeito à questão discursiva utilizaremos a concepção de Michel Foucault¹⁰. Para ele os discursos são normalizadores de certas práticas políticas, acreditando que em todas as sociedades a produção discursiva seria controlada com certas intenções políticas e religiosas. Sendo direcionada para um controle tanto do conteúdo do enunciado como do sujeito falante. A busca foucaultiana dos discursos vai além da análise linguística, e se preocupa de fato com a forma em que são sustentadas determinadas práticas. Não sendo apenas uma sequência de palavras, mas um modo de pensamento, uma rede ou conjunto de enunciados que são determinados pelo tempo e pelo espaço. Podendo definir em determinado período e área social “as condições de exercício da função enunciativa”¹¹. Ou seja, para Foucault a relação do discurso se caracteriza pelo próprio enquanto prática, eles estariam carregados de poder. A partir da visão foucaultiana, buscaremos entender as relações discursivas presentes nas fontes da pesquisa, para identificar as ligações de prática e poder existentes em Chapecó no período estudado, e os discursos de cidade.

⁸ NODARI, Eunice. S. **Etnicidades negociadas**: práticas socioculturais no oeste de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2009.

⁹ PETROLI, Francimar Ilha da Silva. **Um desejo de cidade, um desejo de modernidade (Chapecó, 1931-1945)**. 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de pós-graduação em História, Florianópolis, 2008.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Barreta Neto. 7 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

¹¹ Ibid., p.133.

Com relação à política, trabalharemos com uma visão de Foucault¹² voltada para as práticas. Em **Arqueologia do Saber** Foucault faz sua análise de prática política, baseando-se na medicina, afirmando que o *status* atribuído a um médico se torna privilegiado na relação com seu paciente¹³. Assim segundo ele é possível compreender tal relação na função que é atribuída ao discurso médico. Associada este ao conceito de discurso foucaultiano, pretendemos trazê-lo ao contexto de Chapecó, com o objetivo de analisarmos como ocorreram as relações políticas que estavam envolvidas a determinadas práticas discursivas. E a partir disso observar como os indivíduos estatutários exercem determinada função social de prestígio e de dominação sobre camadas menos favorecidas economicamente, buscando alcançar objetivos/idealizações que divulgavam como sendo de cunho coletivo, mas que na efetivação abrangiam apenas a desejos destes indivíduos.

Referente ao conceito de cidade, pensaremos baseados em Walter Benjamin¹⁴, Pesavento¹⁵ e Bresciani¹⁶, que apresentam uma concepção de cidade sonhada e idealizada pelo coletivo ancorada no cotidiano, no mundo dos acontecimentos reais de cada dia e de seus discursos. No caso de Chapecó buscaremos identificar esta “cidade imaginária” que tentou ser criada para favorecer um momento conturbado como o dos anos de 1950 e 1951. Através da análise dos jornais, buscamos perceber os acontecimentos de Chapecó. Ao mesmo tempo em que pretendemos identificar até que ponto os discursos influenciavam este meio, levando em consideração que muitas vezes eles emergiam através de grupos que detinham prestígio e poder econômico.

Para trabalharmos com fontes jornalísticas buscaremos seguir alguns procedimentos metodológicos, que acreditamos ser necessários para desenvolver um bom trabalho, pois sabemos que os jornais são fontes históricas que demandam certo cuidado. Desta forma ao trabalhar com os periódicos e ainda mais preocupados com uma leitura adequada desta fonte, será necessário tomar uma série de precauções ao fazermos as análises.

Tania de Luca¹⁷ indigita sobre algumas dicas de como trabalhar com os jornais, segundo ela é fundamental conhecermos a linha editorial, além de tomarmos uma série de outros cuidados que são importantes para a utilização dos jornais:

¹² Ibid., p.133.

¹³ Ibid., p.185.

¹⁴ BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989. – (Obras escolhidas; v. 3).

¹⁵ PESAVENTO, Sandra. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo. Vol. 27, n. 53, jan./jun. 2007. p.11-23.

¹⁶ BRESCIANI, op.cit., p.9-26.

¹⁷ LUCCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

Daí a importância de se **identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos**, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é **inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros**, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas desses impressos.¹⁸

Com o intuito de seguirmos a orientação metodológica de Luca, é que no decorrer do texto apresentaremos brevemente o quadro de colaboradores de nossas fontes. Além disso, sabemos que, por muito tempo o uso dos jornais não foi visto com bons olhos pelos historiadores, quando utilizado como fonte. Apenas na terceira geração da Escola dos *Annales* é que surgiu o reconhecimento e a nova possibilidade de investigação, segundo Calonga:

[...] O discurso da imprensa e sua linguagem não se restringiam apenas a um conjunto de vocabulários, mas antes, seriam capazes de desvelar o nível básico das relações sociais. **Expressam-se, portanto, através dos jornais, as forças políticas dos grupos que compõe a sociedade** [...]¹⁹

Com o objetivo de identificar estas forças políticas e seus discursos, serão analisados na pesquisa, os jornais dos anos de 1950 e 1951 em Chapecó, percebendo que eles não são um veículo neutro dos acontecimentos, mas sim que seus discursos demonstram os interesses aos quais os jornais estão vinculados. É preciso levar em consideração também, segundo Calonga para quem os discursos eram produzidos, e qual o seu objetivo ao atingir o seu leitor.

O trabalho estará dividido em dois capítulos. Sendo que, o primeiro capítulo trabalha com algumas obras da historiografia regional, que são fundamentais para entendermos melhor o assunto. Assim buscaremos compreender no primeiro momento como foram proferidos e organizados os discursos de cidade durante as décadas de 1930 e 1940, mostrando quem eram seus agentes e qual o principal intuito ao utilizarem-se das práticas discursivas da cidade. No segundo momento do capítulo, buscaremos mostrar como Chapecó estava se organizando, em 1950 e 1951, no âmbito econômico, social e político, e como foi divulgada a prática discursiva sobre a cidade. Para isso teremos como base historiográfica as obras de Monica Hass **O Linchamento Que Muitos Querem Esquecer: Chapecó, 1950-1956 e Os Partidos Políticos e a Elite Chapecoense: Um Estudo Do Poder Local 1945 – 1965**, que nos permitem compreender melhor os acontecimentos do período. Ao mesmo tempo

¹⁸ Ibid., p.140, (grifo do autor).

¹⁹ CALONGA, Maurilio Dantielly. O jornal e suas representações: objeto ou fonte da história? In: **Revista de Comunicação & Mercado**/UNIGRAN - Dourados - MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 79-87, nov 2012. ISSN: 2316-3992. p.82, (grifo nosso).

trabalharemos com as edições do jornal “A Voz de Chapecó” de 1950, para iniciarmos a análise e compreender o que as fontes nos dizem.

O segundo capítulo, por sua vez, contemplará no primeiro momento a análise dos três periódicos locais. Pontuando para as modificações que foram ocorrendo na prática discursiva em Chapecó após as eleições e o linchamento, e tentando perceber até que ponto estas modificações pretendiam desconstruir a imagem negativa da cidade após o incidente de outubro. No segundo momento, faremos uma discussão a respeito da utilização da imprensa escrita por parte dos grupos que dominavam o poder, tanto econômico como intelectual de Chapecó, para dar continuidade a determinados discursos que já vinham sendo proferidos. Ao mesmo tempo buscando pensar a utilização política do jornal para a construção de uma cidade desenvolvida e de progresso.

2. CHAPECÓ DAS DÉCADAS DE 1930 – 1950

O objetivo deste capítulo é compreender Chapecó nas décadas que antecederam a metade do século XX, no que diz respeito à construção discursiva de cidade moderna, que veio sendo criada desde 1930 e que possibilitou fazer de Chapecó uma das poucas cidades planejadas do Brasil. Com o intuito de entender também os discursos que eram proferidos antes dos dois fatos marcantes de outubro de 1950, que são as eleições, as quais trouxeram grandes modificações no cenário político nos anos seguintes, e o caso de linchamento de quatro pessoas em praça pública, ocorrido logo após. Ambos ocasionaram uma nova onda de discursos sobre a cidade.

2.1 DISCURSOS DE UMA CIDADE MODERNA (1931-1945)

Foi no final dos anos 1930 de acordo com Petrolí²⁰, que a cidade de Chapecó se constituiu como problema, começando a surgir preocupações com o espaço urbano e cidadão. O primeiro desenho de cidade moderna data de 1931. Com a utilização da obra do autor acima mencionado, buscaremos entender como se consolidaram os discursos que pretendiam construir o espaço urbano de Chapecó. Percebendo como eles foram desenvolvidos nos anos seguintes, de modo especial àqueles que afloraram a partir de 1950. Segundo ele o discurso do colonizador era o de transformação, almejando o desejo de cidade moderna, e foi ganhando força no início da década de 1930, vindo a ser intensificado durante as próximas décadas. Podemos perceber que em 1950 a preocupação continuou sendo com a modernidade, porém surgem novos agentes, e anseios, mas não deixando de lado a industrialização e o crescimento do município.

Os discursos das décadas de 1930 e 1940 tinham algumas figuras de prestígio como propagadores de tais, e representavam um grupo privilegiado por influência social e política. Constituíam este grupo Antônio Selistre de Campos, que chegou na cidade em 1931 e exercia a função de Juiz de Direito da Comarca de Chapecó. Selistre de Campos tinha uma relação estreita com a família Bertaso – responsável pela colonização da cidade – e também era amigo de Vicente da Cunha. Este último foi advogado da mesma família e diretor do periódico “A Voz de Chapecó” – primeiro jornal escrito do município, criado a partir de uma necessidade percebida pelo grupo, e que teve papel importante na proliferação da prática discursiva –.

²⁰ PETROLI, op. cit., 2008.

Vicente da Cunha e Selistre de Campos se tornaram figuras de destaque para a consolidação da abordagem de urbanismo, juntamente com o Coronel Ernesto Bertaso e seu filho, engenheiro civil Serafim Ennos Bertaso. Mesmo em 1950 com o surgimento de novas figuras influentes, que assumiram o poder político de Chapecó, foi possível perceber ações vindas da família Bertaso, que buscavam a tão sonhada criação de uma cidade desenvolvida. Tanto que fazendo a leitura do livro de Maria Adelaide Hirsch ²¹ **Ernesto Bertaso de Verona a Chapecó**²², neta do Coronel, percebemos que quando ela retrata no início da década, destaca iniciativas de Ernesto, mostrando a influência dele para criar indústrias neste período, a busca pela melhoria de estradas, e a tentativa de criar um aeroporto maior em Chapecó. Estas iniciativas se deram ao mesmo tempo em que novos grupos intelectuais e políticos emergiam, e tinham a intenção através de seus discursos de descentralizar o “prestígio” e o “poder” dos Bertaso e de seus aliados.

Os sujeitos que detinham influência econômica e política nas décadas anteriores se preocupavam muito em construir uma cidade projetada para o futuro, ideal e moderna, de acordo com os princípios considerados civilizados. Faz-se presente nos discursos da década de 1930 a questão do trabalho, vindo principalmente do colonizador, o qual acredita que o progresso só seria alcançado a partir dele. Outro debate que ganhou folego nesta época, segundo Petrolí²³, seria uma orientação intelectual, ou seja, educar a população através do que se publicava no jornal, como as questões básicas de civilização, para transformar Chapecó em uma cidade moderna. O discurso civilizador ganhou importância nas duas décadas que antecederam a metade do século XX, porém foram tomando rumos diferentes na década de 1950, mas não sendo totalmente deixados de lado. Pois se buscava a industrialização, almejando o “progresso e a modernidade”.

É pensando na busca pela modernidade que Petrolí justifica a criação do primeiro jornal na cidade de Chapecó. Desta forma facilitaria que os discursos chegassem até a população, contribuindo com o trabalho de uma reeducação nos hábitos dos cidadãos. Com o intuito de dar orientações a respeito de questões básicas como de higiene, saúde e embelezamento da cidade, entre outras, através de publicações de leis e artigos. Como podemos verificar no edital transcrito na íntegra:

EDITA N. 1/50
POSTO DE SAUDE

²¹ HIRSCH, Maria Adelaide Pasquali. **Ernesto Bertaso de Verona a Chapecó**. Chapecó, Ed. Argos, 2005.

²² O livro é uma narrativa da vida do Coronel Ernesto Francisco Bertaso, contado de uma forma romantizada por sua neta, Maria Adelaide. No decorrer do livro a autora busca enaltecer os feitos da família, de modo especial de seu avô o coronel.

²³ PETROLI, op. cit., 2008.

“Secção de policia Sanitária”

Para Conhecimento de quem interessar possa, faço público os seguintes dispositivos regulamentares de Departamento de Saúde.

Art. 104 – Nenhum prédio, ou parte de prédio, poderá ser ocupado, sem previa autorização da Diretoria de Higiene de acordo com as disposições deste Regulamento.

§ 1º - Para o disposto neste artigo é o responsável pelo prédio, proprietário, arrendatário, locatário ou seus procuradores, obrigado a comunicar, por escrito, a vacância do mesmo e entregar as chaves á Diretoria.

§ 2º - As infrações deste artigo serão punidas com multa.

§3º - Se houver ocorrido na casa, cômodo ou estabelecimento que vagar, algum caso de moléstia infectocontagiosa, a autoridade sanitária fixará imediatamente o interdito e providenciará para que sejam feitas as desinfecções de acordo com a natureza da moléstia que tiver motivado a medida, e, sem que esta tenha sido praticada não poderá a casa, cômodo ou estabelecimento ser novamente habitado, incorrendo o infrator em multa.

DR. Darci de Camargo - Nicolau G. Vieira

Chefe do Posto de Saúde – Guarda Sanitário Chefe²⁴

Os idealizadores do meio de comunicação, jornal “A Voz de Chapecó” diziam que ele não privilegiava interesses particulares, sendo apenas para o bem comum de todos. Mas na verdade segundo Petrolí²⁵, ele teve o objetivo de concretizar os interesses em termos de “dominação” da população local/regional. Vitoria compartilha de mesmo pensamento e diz que:

[...] Todavia, sempre se encontra, no jogo de interesses, grupos que motivam o desenvolvimento de práticas que lhes parecem convenientes, ou mesmo imprescindíveis, em um determinado momento. **E através de um discurso proferido em nome de uma coletividade que, na maioria das vezes se resume a pequenos segmentos, constroem-se “novas cidades” e “novos homens” urbanos.** A cidade ao se transformar em uma espécie de entidade autônoma, vista muitas vezes como um ser independente, conferiu-se em local privilegiado para ações remodeladoras das práticas coletivas.²⁶

Vitoria também acredita que os discursos que foram proferidos em Chapecó tinham interesses dos grupos que os divulgavam, e buscavam construir o que estava sendo idealizado por eles. Como podemos perceber no trecho a seguir, retirado da edição de 7 de maio de 1950 do jornal “A Voz de Chapecó”, onde são citados os nomes de pessoas que contribuíram para a construção do Hospital Santo Antônio, afirmando na reportagem que estes estão demonstrando seu desejo de colaborar com o progresso de Chapecó.

[...] a Diretoria, da citada Sociedade Hospitalar, dirigiu um apelo aos seus associados e outras pessoas, solicitando donativos de mobiliários dos quartos. O s.r. Paulo Pasquali, Presidente da dita Diretoria, foi procurado pelas pessoas a baixo relacionadas, que fizeram os seguintes donativos:

²⁴ CAMARGO, Darci de, VIEIRA, Nicolau G. EDITAL N. /50: POSTO DE SAUDE “Secção de Política Sanitária”. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p. 1, 5 de fev. 1950. (Todas as transcrições das notícias dos jornais da época, que serão utilizados no trabalho vão ser feitas de acordo com a grafia original das fontes).

²⁵ PETROLI, 2008, op. cit.

²⁶ VITORIA, op. cit., p. 107-108, (grifo nosso).

Ernesto F. Bertaso
Cr\$. 4.500,00
Caroline Giorno
< 3.250, 00
Arnaldo Mendes
<< 3.250, 00
Serafim E. Bertaso
< 4.500,00
Guilherme Sartori
< 3.250, 00
Ary Carvalho Porto
< 3.250, 00
Herminio Tissiani
< 3.250, 00
Angelo Sartori
<< 3.250, 00
João Pedr Sottile
< 3.250, 00

Total até agora: 32.000,00

Sabemos que, com a aludida finalidade, isto é destinada á compra de móveis pelo s.r. Paulo Pasquali foi feito o donativo de Cr\$. 5.000,00.

Os doadores acima referidos mais uma vês dão uma demonstração de seu espírito de caridade e ao mesmo tempo revelam o seu desejo de colaboração no progresso de Chapecó [...]²⁷

Chama atenção na reportagem que os maiores valores doados vieram da família Bertaso, idealizadora do progresso da cidade. Pois tanto Serafim quanto Ernesto doaram Cr\$ 4.500,00, e o donativo mais significativo no valor de Cr\$. 5.000,00, também veio de um membro da mesma família, Paulo Pasquali que era casado com a filha do Coronel, dona Elsa Bertaso Pasquali.

Neste sentido Nodari²⁸ aponta para um conjunto de representantes da elite²⁹ regional, que se preocupavam com esse processo de colonização e modernidade para transformar as cidades. Com o intuito de idealizar o que estava sendo desejado, se utilizaram de jornais e leis que legitimassem esta intenção. Pretendemos ao analisar as fontes do início da década de 1950, perceber como os três periódicos que circulavam na cidade neste momento, se posicionaram a respeito da questão de interesses. Analisando também as modificações e continuidades nos discursos publicados nos jornal, mas pensado de modo especial no “A Voz de Chapecó”, por ele ter surgido antes dos demais. Verificando se continuava atendendo os interesses particulares do que Nodari chama de elite regional.

²⁷ HOSPITAL Santo Antônio: Donativos de Quarto. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p. 1, 7 de mai. 1950.

²⁸ NODARI, op. cit.p.73-74.

²⁹ O termo elite será utilizado neste trabalho de acordo com o conceito de Teoria das elites, de Norberto Bobbio, retirado do “Dicionário de Política” de 1992, que define elite como uma classe superior que geralmente detém o poder político e econômico, pertencendo a esta apenas uma minoria da sociedade, em que o circulo é muito restrito, tendo poder de impor decisões que são válidas para todos os membros do grupo. Neste caso entendemos também que a elite de Chapecó é uma minoria que detém não apenas o poder econômico, mas consecutivamente o poder político e que busca exercer o poder de tomar e impor decisões para a sociedade, de acordo com seus interesses.

Entendemos com Pesavento³⁰ que a cidade sempre deve ser repensada e renovada ao longo do tempo, uma das formas de repensa-la seria por meio da palavra, o urbano seria obra máxima do homem. No caso de Chapecó, a utilização da palavra jornalística teve o intuito de idealizar o que estava sendo desejado pelos homens que a dominavam. Petrolí³¹ explica como se concretizou o discurso de cidade moderna e o seu planejamento, mostrando a forma como ela foi pensada e organizada. O que seria apenas um desejo, com o passar dos anos foi se materializando. Utilizaremos Vitoria para perceber como a cidade idealizada ganha status, buscando com isso diferenciá-la das demais:

[...] fazendo com que Chapecó, nos anos que se seguissem à sua fundação, carregasse o status de cidade planejada. Desta forma, esperava-se que ela funcionasse como uma cidade modelo. Comumente, imaginava-se que esse planejamento garantiria que ali não se vivenciariam os problemas comuns em cidades formadas sem qualquer tipo de organização preliminar.³²

Apesar de que nem sempre isso ocorre da forma em que havia sido idealizado, a determinada concepção de modernidade muitas vezes pode não trazer bons resultados. Segundo Bresciani³³, com a modernização a cidade se transforma em um ambiente opressivo e repressivo. Mostrando uma face pouco aceitável e condizente com a racionalidade, que deveria orientar a sua expansão. A cidade que seria no passado um lugar calmo e seguro, com o crescimento acaba se tornando um espaço inseguro de medos e angústias. Neste sentido não fica perceptível para os indivíduos que estariam planejando a cidade, que estariam projetando-a para o futuro que não os pertence, que pode ou não dar certo o que está sendo idealizada no momento.

Percebemos a insatisfação daqueles que buscavam progresso e civilidade de Chapecó, folhando as páginas dos jornais, como na publicação do jornal “O Imparcial” em 11 de março, quando crítica à postura dos torcedores ao assistirem um jogo de futebol chamando-os de selvagens. “[...] Houve revolta nos ânimos dos jogadores devido ao modo brusco de certos torcedores que mais parecem selvagem do que gente [...]”³⁴

É no final da década de 1930 que surge primeiro através do jornal e em seguida na normatização de leis, o que Petrolí³⁵ chama de disciplinarização dos habitantes e do espaço da cidade. Só a partir desta educação seria possível construir uma cidade moderna. A intenção era orientar as práticas, os hábitos e os comportamentos da população que não estava

³⁰ PESAVENTO, 2007, op. cit., p. 11-23.

³¹ PETROLI, 2008, op. cit.

³² VITORIA, op. cit., p. 56-57.

³³ BRESCIANI, op. cit., 9-26.

³⁴ FUTEBOL: empatada a partida entre o Independente F.C e o Cruzeiro F.B. **O Imparcial**, Chapecó, p. 2, 11 de mar. 1951.

³⁵ PETROLI, op. cit., 2008.

acostumada a viver de acordo com determinados ideais de civilidade urbana. Algumas das primeiras instruções que são passadas através dos artigos publicados no jornal “A Voz de Chapecó”, buscam informar para cuidados com o solo que remeteria a uma saúde pública melhor, e com o embelezamento das casas para pensar na estética da cidade. Esta preocupação segue por vários anos, tanto que em 1950 encontramos várias leis que buscam normatizar certas práticas, entre elas uma publicada no jornal “A Voz de Chapecó” que proíbe a criação de porcos “no perímetro sanitário da cidade”.

Seção de Polícia Sanitária

Aviso

O Posto de Saúde avisa que decorrido o prazo de 60 dias, após a publicação deste, ficam passíveis de multa, com dobro na reincidência, os proprietários, arrendatários e locatários que infringirem o regulamento sanitário em vigor.

1º) – Criar ou mesmo conservar porcos no perímetro sanitário da cidade.

2º) – Possuir estábulos ou cocheiras que não satisfizerem o que determina o artigo 217 do regulamento.

3º) – Os que não conservarem em perfeita condição de higiene os pátios, hortas, terrenos cultivados ou incultos, ou que mantenham recipientes que venham ser focos criadores de mosquitos ou moscas.

(Ass) DR. DARCI DE CAMARGO

Médico Chefe

NICOLAU G. VIEIRA
Guarda Sanitário Chefe ³⁶

A lei busca acabar com uma prática que era comum no período, de criação de porcos na cidade, que provocava odor forte e poderia ocasionar proliferação de mosquitos e moscas. Além de obrigar os cidadãos a deixarem os pátios, hortas e terrenos em boa condição de higiene, para assim garantir a estética e prevenir doenças. Um ponto interessante para pensarmos é que na data que foi publicada a lei quem estava no cargo de prefeito interino em Chapecó era Serafim Bertaso, uma das figuras preocupadas com a modernização e crescimento citadino.

Neste sentido de normatização e reeducação de práticas e hábitos, Nodari³⁷ diz que muitas das casas que haviam sido construídas pelos moradores, já não estavam mais adequadas ao padrão que se queria de cidade, pois eles pensavam que quanto mais bonita Chapecó se apresentasse maior era o número de pessoas que poderiam ser atraídas para ela “[...] mais do que isso, ele estava querendo constituir sujeitos-cidadãos, moradores da cidade, que se diferenciavam dos habitantes da colônia, apresentando “bom gosto” e sendo

³⁶ CAMARGO, Darci de, VIEIRA, Nicolau G. Seção de Política Sanitária. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 5 de fev. 1950.

³⁷ NODARI, op. cit., p. 65-93.

“civilizados”.”³⁸. Estas noções até então eram desconhecidas pela população da vila Passo dos Índios – como era denominada Chapecó no início do século XX quando estavam sendo dados os primeiros passos para a colonização –. Surgiram também neste período discussões levantadas por Serafim Bertaso que era Engenheiro Civil e foi prefeito da cidade na década de 1940, a respeito da racionalização do espaço urbano e do cemitério. Sempre que apontava para algumas mudanças, Serafim procurava enfatizar que Chapecó era uma vila situada em pleno sertão. Por isso, da necessidade de construção de uma nova realidade, enfim, de uma cidade eminentemente “moderna”.

Percebemos a grande preocupação com a construção de um projeto de cidade moderna que veio sendo criado nas duas décadas que antecedem a metade do século. O grupo que dominava o poder conseguiu difundir seu ideal não apenas na palavra escrita do jornal. Tendo domínio político eles conseguiram desenvolver leis como a apresentada acima, para legalizar e de fato concretizar suas intenções, reorganizando a cidade e reeducando a população para a modernidade. Com o intuito de superar o atraso e o isolamento, para transformar Chapecó em um centro urbano desenvolvido. Neste sentido trabalharam para criar um bom e eficiente serviço de correio, que possibilitava informações rápidas, apesar de que nos primeiros anos de 1951 os jornais ainda lutassem por melhorias na infraestrutura, e maior agilidade na entrega de correspondências. Outra luta era por um comércio variado que pudesse suprir as necessidades da população, para que não precisassem sair para outras cidades.

Houve preocupação também entorno da mobilidade, pois era importante que Chapecó estivesse ligada a outras regiões e as suas comunidades do interior por meio de estradas boas. Durante o ano de 1950 são encontrados vários artigos publicados no jornal que falam sobre o assunto.

[...] Respeito á referida reportagem desejamos fazer, entretanto, dois reparos: no que concerne ás estradas e à criação de municípios, em Santa Catarina. Com relação ao primeiro tópico, convém lembrar que não há muito tempo os habitantes de Itapiranga para virem á séde do município necessitavam passar pelo visinho Estado do Rio Grande do Sul. Resentemente essa viagem é feita dentro do próprio município por estrada que reconhecemos não ser de primeira ordem, mas, permite o trafego regular até de ônibus com capacidade para muitos passageiros. O trecho Chapecó – Itapiranga está incluído no plano rodoviário do Estado e a residência do D.E.R., neste município, vem melhorando sensivelmente essa rodóvia, trabalhando nela com maquinária moderna. Ainda dentro do presente exercício teremos seguramente, uma ligação fácil entre esses dois pontos, permitindo fácil e rápido acesso entre ambos mesmo no período hibernal.[...] ³⁹

³⁸ Ibid., p. 90.

³⁹ ITAPIRANGA. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p.1, 15 de jan. 1950.

A partir do artigo é perceptível esta preocupação com a mobilidade, principalmente com as vilas e distritos que estão localizados mais longe da sede, pois uma boa condição de locomoção garantiria maior satisfação da população.

Outra discussão que norteava para alcançar a modernidade estava ligada a educação e os bons costumes. Segundo Petrolí a modernidade não era apenas a construção da cidade, mas se fazia necessário alfabetizar e educar as crianças. Para os mentores de “A Voz de Chapecó” a educação era obrigação do Estado, e a grande preocupação era que o Estado investisse na educação visando à alfabetização. Assim possibilitaria o futuro da mocidade, propiciando à ordem e o progresso local.

Naquele período da história de Chapecó, a cidade era debatida apenas por uma camada social, correspondente aos que desejavam transformar a cidade de acordo com o que propunha o Coronel Bertaso e sua família. Nodari acredita que a família Bertaso teve grande influência para construção da cidade moderna, “O que Serafim Bertaso, queria como tantos outros membros das elites, no início do século XX, em outras cidades, era ‘construir’ a cidade à sua imagem e semelhança, dentro dos parâmetros do que ele considerava ser ‘civilizado’.”⁴⁰. Podemos perceber uma modificação no início da década de 1950 desta hegemonia, pois são criados dois novos jornais que se colocam em posições opostas das apresentadas até o momento na história de Chapecó. A utilização destes dois jornais que tinham uma visão divergente de cidade da que foi proposta pelo Coronel Bertaso, é um dos pontos que diferencia nosso trabalho da dissertação de Petrolí, pois pensamos e tentamos entender os discursos de Chapecó em um período e contexto distinto.

Ao mesmo tempo em que nos aproximados por compartilharmos de leituras da historiografia regional como as obras de Monica Haas, temos uma abordagem distintas, buscando entender a partir de **O Linchamento: que muitos querem esquecer e Os Partidos Políticos e a Elite Chapecoense: um estudo de poder local 1945-1965**, o contexto que os discursos do início dos anos de 1950 emergiram. Assim pretende-se encontrar continuidades e rupturas dos discursos que foram realizados nas décadas anteriores. Ao ponto em que possa ser compreendido como os grupos que detinham o poder buscaram passar uma ideia de cidade ordeira e de gente civilizada, para romper com a imagem que havia sido construída com o linchamento. Vitória⁴¹ afirma que:

Ao identificarmos o planejamento como sério expoente das práticas de intervenção urbana, convém considerar que a década de 1950 representa um marco importantíssimo nessa tendência. Pode-se dizer que é aí que vemos o surgimento de

⁴⁰ NODARI, op. cit. p.91.

⁴¹ VITÓRIA, op. cit., p. 27.

uma postura que vai ser o grande espelho do processo de desenvolvimento nacional pelo menos nas três décadas seguintes.

Segundo ele nessa década surgia uma pressão da burguesia nacional para que o governo possibilitasse condições necessárias para instalação de empresas no Brasil, da mesma forma em Santa Catarina surge à primeira ideia de planejamento, Chapecó aproveita este momento para trabalhar seus discursos. O que percebemos em 1950 e 1951 é uma abordagem a respeito do urbano que está passando por modificações, os discursos nacionais das urbes como um todo se voltaram ao desenvolvimento econômico, buscando transformar a cidade em um espaço de produção. Neste segundo momento do capítulo, buscaremos a partir de Monica Hass apresentar o cenário social, econômico e político de Chapecó no ano de 1950, interligando com os discursos citadinos que estavam sendo produzidos pela imprensa local, através dos jornais.

2.2. CENÁRIO SOCIAL, ECONÔMICO E POLÍTICO DE CHAPECÓ NO INÍCIO DOS ANOS DE 1950.

Apesar de os reflexos do linchamento terem atingido de forma negativa vários setores da sociedade, eles colaboraram, principalmente, para uma nova orientação ao desenvolvimento regional, inserido num contexto de mudanças estruturais na economia nacional, com a intensificação de industrialização. É comum ouvir de moradores mais antigos a seguinte afirmação “Chapecó começou a se desenvolver bem mais depois da chacina. De certa forma foi bom para a cidade.”⁴².

Buscando entender esta nova orientação ao desenvolvimento, que Monica Hass afirma ter surgido após o linchamento, é que analisaremos a prática discursiva presentes nos jornais, para observamos como Chapecó se desenvolveu depois deste acontecimento. Procurando inferir os motivos pelos quais os discursos de cidade tomaram novo rumo e força diferente.

Hass⁴³ aponta para uma cidade hostil ainda em 1948, segundo ela Chapecó chegou a ser chamado de *far-West* catarinense, pois havia muita violência e impunidade na região. É possível perceber isso também em artigos publicados no jornal “A Voz de Chapecó” no ano de 1948 “imperava a lei dos mais fortes (...) onde não tem mulher, nem autoridade e os aventureiros criminosos andam ombro a ombro com os advogados”⁴⁴. Este trecho reforça o que Hass fala da impunidade e do mandonismo que existia. Com a leitura do jornal “A Voz de Chapecó” dos anos seguintes, percebemos que em 1950 também se visualizava esta mesma

⁴² HASS, Mônica. **O linchamento que muitos querem esquecer: Chapecó, 1950-1956**. 3. Ed.rev. Chapecó: Argos, 2013. p.22.

⁴³ Ibid., p.36.

⁴⁴ “A Voz de Chapecó”, 18 de junho de 1948, apud HASS, 2000, op. cit. p.108.

preocupação com problemas como violência, deficiência e desorganização com relação à ordem pública. Já antes do linchamento Chapecó estava passando por um momento de intranquilidade geral, que veio tomar maior fôlego com a tragédia de outubro deste mesmo ano.

Crime de morte

Na semana finda, neste primeiro distrito, realizou-se na zona do rio Irani, mais um desses hediondos bailes, que terminam em conflito.

Alta madrugada, alguns indivíduos semi alcoolizados desentenderam-se e lutaram uns com os outros.

Ignoramos os seus nomes e não tivemos interesse em indagar, sabemos apenas que houve duas mortes.

Esse e outros fatos evidenciam que Chapecó sob o ponto de vista policial, no que diz respeito à ordem pública, continua no mesmo regime de deficiência, desorganização e intranquilidade geral.⁴⁵

Este trecho do jornal demonstra a intranquilidade e insegurança que existia em Chapecó, vindo de encontro com o que Bresciani através de Argam fala sobre a violência da urbe “A cidade que, no passado, era o lugar fechado e seguro por antonomásia, o seio materno, torna-se o lugar da insegurança, da inevitável luta pela sobrevivência, do medo, da angústia, do desespero. [...]”⁴⁶.

Os discursos dos grupos dominantes tinham o poder de construir uma imagem de cidade idealizada e moderna, preocupando-se com problemas como o apresentado assim, que fala sobre a violência, tentando buscar soluções para melhorar as condições de vida de seus cidadãos. Mas também se utilizavam da palavra escrita e das leis, para dominar outros espaços da cidade. Segundo Hass⁴⁷ criavam uma “estrutura de mando”⁴⁸, tanto que antes da metade do século as autoridades da cidade eram escolhidas de acordo com influências locais, regionais e nacionais. Com o passar dos anos esta forma de escolha do poder público foi sendo modificada, e na década de 1950 ocorreriam às eleições municipais que culminam com a troca de líderes políticos.

Neste momento Chapecó estava passando por várias mudanças estruturais, econômicas, sociais e políticas, Hass⁴⁹ apresenta dados de 1940 até 1950, onde mostra que o município já havia crescido 136,34% na área urbana e 116,09% na área rural. O comércio e a indústria tiveram grande salto quase duplicando seu número junto com o crescimento

⁴⁵ CRIMES DE MORTE. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p.1, 16 de abr. 1950, (grifo nosso)

⁴⁶ ARGAN, 1993a, p.212. Apud. Bresciani, 2004, op. cit., p. 10.

⁴⁷ HASS, 2013, op. cit., p.36.

⁴⁸ Monica Hass associa este termo “estrutura de mando” ao mandonismo e coronelismo local que foi muito fonte até a década de 1940, e para ela teve grande influência na chacina ocorrida em 1950 na cidade de Chapecó, pois mesmo exercendo um poder muito grande na cidade nada fizeram para evitar a tragédia .

⁴⁹ HASS, 2013, op. cit., p.44-45.

populacional. Interessados em visibilizar o progresso que estava ocorrendo na cidade, os interlocutores utilizaram-se do jornal “A Voz de Chapecó”, para dar valorização ao crescimento do município, então, com frequência eram destacados artigos que comentavam como Chapecó estava progredindo rumo ao desenvolvimento:

Como progride o nosso Município.

Tivemos oportunidade de visitar recentemente o distrito de Dionísio Cerqueira, na fronteira com a República Argentina, e que distante desta cidade 279 quilômetros, isto seguindo via Mondaí e Vila Oeste.

Para nós que já há dois anos não visitávamos aquela prospera vila ficámos verdadeiramente maravilhados com o progresso operado em 24 meses. Atualmente Dionísio Cerqueira pode ser considerada como uma vila cujo progresso e desenvolvimento nada deixa a duvidar, pois o número de edificações triplicaram nesses dois anos e são diversas as casas em estilo moderno e confortáveis.

Para que se faça justiça na apreciação do desenvolvimento de Dionísio Cerqueira, mister se faz salientar as atividades da firma Colonização e Madeiras Oeste Ltda., com sede em Vila Oeste e escritório em D. Cerqueira, onde possui vastas áreas de terras de cultura e pinhais, para colonizar, pois essa Empresa fez inaugurar quando de nossa visita a usina elétrica que fornecerá luz e força para o povo e que apesar de ser movida a óleo cru, com um gerador trifásico, vai oferecer, aos habitantes daquela localidade, energia elétrica mais barata do que a de Chapecó, que é hidráulica.

Quando se diz lá fora que o futuro de Santa Catarina reside no Oeste, muita gente que ignora os nossos recursos e desconhece a exuberância das nossas terras e o quanto pode a iniciativa particular, quando amparada pelos dirigentes do Estado, fica apensar que em nossas afirmativas vai um “cadinho” de bairrismo, no entanto, o que vemos e sentimos no convívio com os desbravadores das nossas matas, nos dá certeza daquilo que muitas vezes temos afirmado.⁵⁰

Pretendemos chamar a atenção na reportagem acima, para a forma como era dado visibilidade o potencial do Oeste de Santa Catarina, seu desenvolvimento e progresso. O título da reportagem já atenta para o desenvolvimento, dando ênfase ao que seria discutido ao longo da notícia. O foco é o progresso que estava andado em passos largos, e poderia ser percebido não apenas com a inauguração de uma usina elétrica e da luz no distrito de Dionísio Cerqueira, mas também por meio das edificações que aumentaram consideravelmente, e estavam sendo construídas no estilo “moderno”.

Durante esta década ocorreram algumas situações que provocaram grandes mudanças em Chapecó. Com a queda de Getúlio Vargas em 1945, surgiram novos partidos no município que possibilitaram rupturas políticas. O surgimento de novos elementos candidatos a cargos públicos teve pouca aceitação por quem já estava no poder, causando revolta e descontentamento. Após as eleições de 3 de outubro de 1950, com a vitória do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e UDN (União Democrática Nacional) ambos de oposição ao PSD

⁵⁰ COMO progride o nosso município. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p.1, 12 de fev. 1950.

(Partido Social Democrático)⁵¹, configuraram-se em Chapecó conflitos políticos mais intensos. O grupo de indivíduos ligados ao PSD possivelmente com medo de perder o poder hegemônico e o domínio, após emergirem novas lideranças políticas locais que se mostraram fortes, ficou receoso. Neste sentido Hass⁵² diz que o poder local acaba sendo diluído, a partir deste momento, com o surgimento de outros grupos de poder. Gerando uma disputa não apenas nas questões políticas, mas também no espaço social e institucional da cidade, fazendo então com que a dominação saísse das mãos do grupo que governava antes. Esta mudança que ocorreu em Chapecó pode ter sido responsável pela “modificação” de partes dos discursos de cidade neste momento da história local.

O que verificamos a partir de então, de acordo com obras de Monica Hass é um clima de rivalidade política intensa, que se instalou. Fazendo-se perceber que esta passava por cima até mesmo de questões como saúde, é possível inferir isso ainda em 1950, quando um morador do distrito de Dionísio Cerqueira encaminha um artigo ao jornal “A Voz de Chapecó”, falando sobre como o partidarismo perpassa limites:

A PEDIDO

Esclarecimento necessário

Na edição de 12 de Março p.p de “A VOZ DE CHAPECÓ”, foi publicado um telegrama, assinado por um grupo de cidadãos de Dionísio Cerqueira, que bem traduzia o desespero de uma população abandonada á sua própria sorte, desassistida pelos poderes públicos até mesmo nas suas necessidades mais elementares, tais como saúde pública, escola, policiamento e estrada.

Esse telegrama não tinha um sentido político partidário definido, tanto o é que nele assinaram cidadãos filiados a vários partidos políticos. O objetivo daquele grupo de pessoas, desesperadas de conseguir melhorias para o seu distrito pelos meios normais, era despir-se de suas cores políticas para impor-se pela força eleitoral e apoiar qualquer dos partidos que assumisse o compromisso formal de cientificar-se de *que existe o distrito de Dionísio Cerqueira, não somente como uma fonte de renda.*

Alguém poderá dizer: Mas, que vergonha! Vender suas consciências partidárias a troco de uma estradinha, de um posto de saúde e de outras coisinhas! Porém, o povo de Dionísio Cerqueira poderá responder que a vergonha que sofremos diante aos nossos vizinhos argentinos supera a qualquer outro vexame. É preciso viver algum tempo em Barracão para compreender isso: Quase tudo o que comemos é fornecido pela Argentina, porque a nossa mercadoria, procedente do centro do Brasil, quando pode, chega aqui majoradíssima em seu custo, tal é a precariedade de nossas estradas. Nos casos de epidemias, como tifo e varíola, a população de Dionísio Cerqueira vai vacinar-se, gratuitamente na Argentina; Se alguém precisar de socorros médicos apela para a Argentina. Neste particular invoco o testemunho do Snr. Danilo Quintino Ferreira, que salvou a vida de um seu filho, graças ao hospital do governo argentino.

Mas, nem todas as pessoas, que vivem em Dionísio Cerqueira, aspiram o progresso e bem estar do distrito, entre estes estão alguns membros do subdiretório do P.S.D.. Tão logo viram a publicação daquele telegrama, procuraram desvirtua-lo, dando-lhe outros aspectos. Bradaram contra o povo e contra o conceituado semanário A Voz

⁵¹ O PSD era o partido liderado por Serafim Bertaso, filho do Coronel Bertaso. Este partido, ou grupo que compunha o partido comandou Chapecó por vários anos.

⁵² HASS,2000, op. cit., p.137.

de Chapecó por ter publicado aquelas <infâmias>. Correram, furibundos, de casa em casa, a pedir aos signatários do telegrama para que retirassem suas assinaturas. Como ninguém lhes desse ouvidos não tiveram dúvidas de lançar mão de uma farsa: Forjaram o telegrama publicado neste jornal, edição de 30 de Abril p.p.; no qual aparecem 16 assinantes, porém, somente um destes, o Snr. Schereiner (cunhado de Snr. Dalilo) é signatário, também, do primeiro telegrama, publicado em 12 de Março. Seria interessante confrontar ambos telegramas para verificar-se a inverdade contida no último.

Compreende-se, desde logo a intenção dos politiquinhos locais, dirigindo ao ilustre Dr. Bertaso o referido telegrama: era fichar a todos nós como oposicionistas porque na mentalidade retardada daqueles, ser oposicionista é ser criminoso. Eles não concebem a existência da oposição, como se esta não fosse a principal característica da democratização; como si ela não representasse um símbolo vivo da existência da liberdade de pensamento e de opinião: enfim, como si a oposição não fosse a própria razão de existência do partido majoritário, sem o que, poderíamos dizer, estaríamos numa ditadura e não em plena democracia como graça aos céus estamos.

Dionísio Cerqueira, 11 de Maio de 1950.

S. Ruas⁵³

Chama atenção quando S. Ruas, no trecho acima menciona os comentários sobre o telegrama que foi encaminhado ao jornal em março, segundo ele alguns poderiam pensar que seria uma vergonha vender a consciência partidária em troca de uma “estradinha” de um posto de saúde. De acordo com o comentário naqueles tempos nem a saúde, nem a locomoção seriam tão importantes como a consciência partidária, ou seja, o cidadão não deveria criticar ações de seu partido, e diz mais, que ser oposicionista seria ser criminoso na mentalidade de alguns cidadãos. Com a publicação deste telegrama conseguimos visualizar também como muitas vezes os problemas da cidade tentavam ser mascarados pelos meios de comunicação, ou por pessoas que o dirigiam. Se analisarmos a reportagem, que foi publicada no jornal “A Voz de Chapecó” com o seguinte título: Como Progride o Nosso Município, na data de 12 de fevereiro de 1951, mostra o progresso e desenvolvimento do município, tomando como base para esta afirmação o mesmo distrito citado no telegrama acima, na reportagem de 12 de fevereiro não são mencionados os problemas apresentados neste, pelo contrário é dado destaque apenas ao desenvolvimento, ao progresso e as coisas boas que aconteciam lá.

Durante a década de 1950 com uma série de mudanças já mencionadas anteriormente, a economia do município ganha novos fomentos, antes estava voltada basicamente a atividades econômicas primárias, como extração de madeira e agricultura. A partir deste período a economia secundária e posteriormente terciária vão ganhar força. Em 1952 é criado o primeiro frigorífico em Chapecó, que já teve mobilizações para tal ainda no ano

⁵³ RUAS. S. Esclarecimentos necessários. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 21 de maio. 1950. (grifo do autor).

anterior, ao que os jornais nos informam. Segundo Hass, que traz dados do IBGE tem-se um grande crescimento durante a década de 1950 na indústria e no comércio.

[...] a partir de 1945 e durante toda a década de 50, Chapecó se caracteriza por intensas lutas no campo eleitoral e pelo incremento da sociedade civil, através da criação de inúmeras entidades associativas empresariais (Cooperativa dos Madeireiros, Associação Comercial e Industrial, Aeroclube); econômicos (cooperativa de Consumo, Frigoríficos) e políticas- culturais (jornas, rádios, clubes). Estas transformações no perfil socioeconômico repercutem no panorama político local, no período de 1940 a 65[...]⁵⁴

Notamos no decorrer do trabalho a força dos jornais locais para conscientizar a população no decorrer das mudanças econômicas, sociais e culturais que emergiram. Com as modificações que começaram a surgir na década de 1940, a elite de Chapecó se constituiu enquanto grupo de poder que se diferenciava do resto da população. Segundo Hass⁵⁵ estes começaram a frequentar lugares próprios para a elite. Podemos perceber nos jornais da década de 1950, que os meios de comunicação escrita tiveram grande importância, para de certa forma orientar a população de onde era espaço frequentado por estes grupos. Tanto que se observarmos as propagandas do comércio de Chapecó nos jornais, como a figura 1, podemos perceber que o “Café Cinelândia” era/ deveria ser frequentado apenas pela elite. Porém não eram somente os bares que se destinavam a esta camada, existiam outros espaços exclusivos para o público de nível social mais elevado, que além de condições financeiras possuíam prestígio social superior aos demais membros da sociedade.



Imagem 1: CAFÉ Cinelândia . **O Imparcial**. Chapecó, p. 2, 04 de mar. 1951.

Estes grupos que detinham o poder, segundo Hass estavam sempre envolvidos nos grandes acontecimentos sociais da cidade, fazendo-se presentes na diretoria de órgãos públicos e decidiam assuntos importantes para a comunidade. Os nomes deles estavam

⁵⁴ HASS, 2000, op. cit., p. 117.

⁵⁵ HASS, 2013, op. cit., p. 61.

sempre tendo destaque nos meios de comunicação escrita e falada. Hass ainda diz que a sociedade Chapecoense deste período era bastante chique para uma cidade tão pequena.

Pensando nos discursos que eram proferidos no período, percebemos que esta sociedade “chique” tinha a intensão de transformar Chapecó em uma cidade mais elegante e sofisticada, nos moldes sociais e econômicos capazes de contentar a população bem favorecida e que detinha o poder. E para isso os meios de comunicação ganhavam um caráter de educadores dos bons modos, como podemos perceber folhando as primeiras edições do jornal “A Voz de Chapecó” de 1950, encontramos uma coluna chamada “Você Sabia” que chama atenção para questões relacionadas aos modos da população. Em um trecho do jornal a coluna crítica os frequentadores do Café Cinelândia, por jogarem cinza de cigarro nas xícaras, “[...] QUE, aproveitando a oportunidade, vamos dar um conselho ao proprietário do Cinelândia para que sirva cafezinho no cinzeiro daqueles que costumam pôr cinzas de cigarros nas xícaras... [...]”⁵⁶. Já em outro trecho, o jornal é um pouco mais incisivo dizendo que os rapazes e as moças mais parecem micos ao invés de gente civilizada quando “enchem a boca de chiclete”: “[...] QUE, as moças e rapazes desta cidade, quando em bailes no Clube, enchem a boca de chicletes, e levam a mastigar o baile todo, fungando e fazendo caretas, que se parecem mais com micos do que com gente civilizada. [...]”⁵⁷

A modernização já estava dando seus primeiros passos na década de 1950, com isso começam a aparecer algumas dificuldades, que são enfrentadas pelas cidades que vão crescendo. A cidade calma e pacata do interior vai sendo transformada, e tomando forma para construção da tão idealizada cidade projetada, mas esta transformação trouxe junto uma série de incêndios em casas de madeira. Os incêndios vinham ocorrendo desde o início de 1950 como é noticiado pelo jornal “A Voz de Chapecó”:

INCENDIOS

Em o número anterior deste semanário, noticiamos o incêndio ocorrido no prédio da casa comercial de s.r. Abei Simão: agora temos de mencionar mais os seguintes.

No dia 19 do corrente mês, mais ou menos às 1,30 horas, foi devorada pelas chamas, o prédio da oficina mecânica dos senhores Dorvalino Souza, Raimundo Toscan e Delfino Dias.

No dia 20, às 5, 30 horas, o do prédio do Clube Recreativo Chapecoense e finalmente, no dia 23, pela manhã, outra casa foi devorada pelo fogo nos subúrbios desta cidade, Passo dos Fortes, em cujo prédio até a poucos dias funcionava a casa comercial do s.r. Zani.

Todos os prédios estavam assegurados nas diversas companhias que aqui operam.

Realmente é muito incêndio em tão poucos dias, em tão resumido número de casas que possui nossa cidade.⁵⁸

⁵⁶ VOCÊ Sabia. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 15 de Jan.1950.

⁵⁷ VOCÊ Sabia. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 29 de Jan.1950.

⁵⁸ INCENDIOS. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p 1, 26 de fev. 1950.

Pelo que podemos perceber na notícia, a intensidade dos incêndios começa a preocupar a população, meses antes da queima da igreja e da chacina, ainda em fevereiro, logo no início do ano os sinistros começam a ocorrerem com maior frequência, e segundo Hass⁵⁹ ganharam até maior intensidade após este acontecimento, tanto que o “linchamento” foi justamente motivado pelo incêndio da igreja católica, que mexeu com o sentimento dos fiéis fervorosos. Na noite posterior a este incêndio entre 17 e 18 de outubro de 1950, segundo Hass⁶⁰ aproximadamente duzentas pessoas, invadiram a cadeia da cidade e lincharam quatro presos, entre eles estariam os possíveis culpados de incendiar a igreja. As pessoas que invadiram a cadeia seriam fiéis que buscavam vingar o incidente. “Depois de trucidados por tiros, facadas e pauladas, os corpos foram arrastados para o pátio, empilhados e incinerados. O crime projetou negativamente Chapecó nas páginas de revistas e jornais regionais, nacionais e até internacionais.”⁶¹

Após este acontecimento, Hass⁶² comenta que o medo se instalou na cidade, a população temia até mesmo sair das suas casas.

Pararam os bailes, as festas, e o cinema quase fechou por falta de público. Os viajantes não chegavam mais no povoado. Muitos moradores mudaram-se e outros ausentaram-se por algum tempo. A cidade levou mais de um ano para voltar ao seu ritmo normal.

Receosos quanto à situação de violência que imperava em Chapecó, cuja expressão máxima foi o linchamento, os migrantes deixaram de vir, acarretando a estagnação do projeto colonizador. A empresa Colonizadora e Industrial Ernesto Francisco Bertaso S.A. por dois anos não conseguiu vender um pedaço de terra na região. Este teria sido um dos motivos para a elite local mobilizar-se em torno da instalação de um frigorífico no lugar, a fim de reativar o fluxo migratório e a economia regional.⁶³

É este período de estagnação econômica em Chapecó que mais nos interessa. No próximo capítulo buscaremos identificar como os grupos que dominavam o poder político e econômico da cidade, se utilizaram da prática discursiva neste período. Pretendemos constatar se houve continuidade o que vimos sendo divulgado até o momento, no sentido de mobilização para transformar Chapecó na cidade idealizada, moderna, que Vitoria⁶⁴ chama de “Polo Polarizador dos Polos” e que com o passar do tempo viria a ser a “Capital do Oeste”.

Após o linchamento foram noticiadas várias reportagens sobre o ocorrido, em jornais nacionais e até internacionais. As notícias trazidas por Hass⁶⁵ possibilitam verificar a forma em que os periódicos descreveram Chapecó como uma cidade atrasada, pacata, e até mesmo

⁵⁹ HASS, 2013. op. cit., p.60.

⁶⁰ Ibid., p. 21.

⁶¹ Ibid., p. 21.

⁶² Ibid., p.127.

⁶³ Ibid., p.128.

⁶⁴ VITORIA, , 2011. op. cit..

⁶⁵ HASS, 2013. op. cit., p. 61.

dizendo que a civilização desta cidade estacionou. A visão de Miranda Ramos no dia de sua posse - eleito em 1950 para assumir o cargo de prefeito de Chapecó de 1951 a 1953- de acordo com Hass é de uma população apreensiva: “[...] a comunidade estava em estado de choque e a imprensa nacional não cansava de explorar o assunto.”⁶⁶. E os jornais locais tomam para si a responsabilidade de “desmentir” ao povo as reportagens que falavam sobre uma má impressão da cidade. Começa a ser formado um movimento que busca união para tentar desconstruir a imagem negativa que havia sido criada, isso pode ser percebido ainda em 1950 em uma das únicas edições do jornal “A Voz de Chapecó” que foi encontrada nos arquivos municipais, dos meses que seguiram o acontecimento, comenta sobre esta união que deveria haver em prol da cidade e dos cidadãos.

[...] Na esfera municipal resta muito a fazer, mas é somente com um conagraçamento geral, e com o apoio dos vereadores eleitos sob esta ou aquela legenda, ao Prefeito, poderá fazer-se um governo pelo qual aspira a população laboriosa do município, tão duramente afetado pelos trágicos acontecimentos que repercutiram em todo o país e até no estrangeiro.⁶⁷

Ocorreu uma grande modificação estrutural em Chapecó no início da década 1950, foi efetivado o incentivo grande a tendências econômicas já existentes, como a criação de agroindústrias, que vieram valorizar e fortalecer a produção agrícola que era forte antes dos acontecimentos. Sabendo que existia a necessidade de movimentar a economia, que de acordo com as informações obtidas através da leitura das obras de Hass, sofreu um período de recessão econômica. Se analisarmos a cidade uma década depois dos acontecimentos, podemos perceber que ocorreu um avanço significativo no campo econômico possibilitando obter resultados positivos⁶⁸, pois conseguiram transformar e modernizar a cidade.

Buscaremos no segundo capítulo identificar as modificações discursivas cidadinas que podem ser percebidas nos jornais, a partir de janeiro de 1951. Na tentativa de compreender se estas modificações tiveram estímulos diferentes das que eram proferidas até então. Principalmente para entendermos se houve uma maior preocupação com discursos voltados ao estímulo do desenvolvimento econômico. Faremos também uma análise da utilização da imprensa escrita por parte dos grupos que dominavam o poder tanto econômico como intelectual de Chapecó, com relação a continuidades discursivas durante o ano de 1951.

⁶⁶ HASS, 2000. op.cit., p. 243.

⁶⁷ ERING, Leopoldo Olavo. Homens de “Boa Vontade”. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 31 de Dez.1950.

⁶⁸ É possível tomar estas considerações após fazermos a leitura de obras que fala da cidade nas décadas após 1950, como por exemplo: Fernando Vitoria, Rosa Salete Alba e Cristiomar Golo.

3. CHAPECÓ NOS PRIMEIROS ANOS DE 1950, CONTADA A PARTIR DOS JORNAIS.

3.1 MODIFICAÇÕES DISCURSIVAS EM CHAPECÓ

O presente capítulo mostrará como ocorreu a modificação discursiva sobre a Chapecó, e a forma como ela foi divulgada pelos periódicos locais, nos anos de 1950 e 1951. Porém devemos levar em consideração alguns pontos, que são importantes para a análise que será desenvolvida neste momento do trabalho. Primeiro destacamos que até antes das eleições de outubro de 1950, apenas o jornal “A Voz de Chapecó” era produzido na cidade. No ano seguinte, quando a UDN e o PTB assumem a direção da prefeitura, são criados dois novos jornais com o intuito de colaborar com a nova administração. A criação destes possibilita uma observação mais ampla da prática discursiva chapecoense, não privilegiando apenas o que era de interesse dos apoiadores do jornal “A Voz de Chapecó”, propiciando percebemos novos olhares sobre a cidade e seus problemas, ao mesmo tempo em que é gerada uma reformulação discursiva.

O segundo ponto que devemos destacar é com relação ao problema das fontes. Não foi possível encontrarmos todos os exemplares dos jornais estudados. No período proposto para observação, são poucos os meses em que se encontram arquivada todas as edições dos semanários, a maior falta percebida é na segunda metade dos anos que analisamos. O jornal “A Voz de Chapecó” tem maior incidência de falta de registros, em alguns períodos temporais encontramos apenas um exemplar ou simplesmente não há nada na Biblioteca Pública de Chapecó e no CEOM, e também na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina não existem exemplares do jornal arquivados. No primeiro ano da década, por exemplo, encontramos nos arquivos o jornal apenas até o mês de julho, e uma edição de dezembro, deixando um vazio justamente nos meses mais próximos as eleições e o linchamento. Hass da mesma forma identifica este problema, e sobre isso fala:

O desaparecimento do material da biblioteca é um símbolo da dimensão de um poder, em que apagar a memória é uma forma de dominação. Esse contexto está inserido na concepção de história baseada em documentos que registram ações do homem e comprovam o fato histórico, ocorrendo uma seleção de fatos e documentos. **Somente é guardado e registrado o passado que interessa aos donos do poder local.** Assim, as versões diferenciadas acabam homogeneizadas na história oficial.⁶⁹

⁶⁹ HASS, 2013. op. cit., p. 151,(grifo nosso).

Hass comenta sobre o desaparecimento dos registros do linchamento no trecho acima, dizendo que em vários casos estes somente são guardados se interessam aos donos do poder local. Percebemos que a falta de registro de alguns dos jornais pesquisados por nós, podem ter ligação com o que ela afirma, pois ao fazermos a leitura dos demais periódicos encontramos comentários sobre alguns artigos mais ofensivos com datas não encontradas nos arquivos.

Destacando estes dois pontos importantes sobre as fontes e tomando alguns cuidados fundamentais ao trabalharmos com periódico, buscamos analisar os jornais “A Voz de Chapecó”, “O Imparcial” e o “Jornal do Povo” em 1951. Os três jornais se caracterizam de forma diferente no período. O jornal “A Voz de Chapecó” antes do início da década se configurava de forma distinta, apesar de contribuir com os interesses dos seus idealizadores, e detentores do poder local, era a partidário até as eleições, segundo a descrição de seu colega, o “Jornal do Povo” ao publicar um pequeno comentário sobre a passagem do aniversário do aludido jornal, o define desta forma:

O aludido periódico, cujo primeiro número saiu a 3 de Maio de 1930 não tinha feição política partidária, suspendeu sua publicação em 3 de Setembro de 1941, voltando a circular a 29 de junho de 1946, ao tempo do Território Federal do Iguaçu, de que Chapecó fez parte, continuando sua orientação de apartidarismo até 23 de julho de 1950, data em que passou a ser órgão de propaganda dos candidatos do Partido Social Democrático, para as eleições, que se realizaram em 3 de Outubro do ano passado.⁷⁰

Levando em consideração, como já comentado anteriormente, que não encontramos registros do jornal “A Voz de Chapecó” entre os meses de julho a dezembro, não pudemos analisar as propagandas eleitorais comentadas, mas a partir de janeiro de 1951, de fato é possível perceber que o periódico, diferente do que visualizávamos no ano anterior, deu destaque e intensidade aos discursos político partidários, deixando claro sua posição enquanto apoiador e adepto ao PSD.

Da mesma forma mostrando sua posição político partidária, são criados os jornais “Jornal do Povo” e “O Imparcial”, ambos apoiadores da nova administração, formada pela coligação (PTB/UDN/PSP/PRP). Porém, é possível constatar uma diferença entre ambos, enquanto “O Imparcial” no decorrer do período toma um caráter mais ofensivo e crítico sobre a administração anterior, e assuntos políticos, sociais e culturais. O “Jornal do Povo” também deixa clara sua posição e faz críticas, mas a partir de certo momento começa a dar maior atenção a questões estaduais, nacionais e internacionais. Este é considerado por jornais de fora de Chapecó como sendo mais moderno e menos envolvido com questões políticas:

Dos 3 jornais, que levam, as notícias para todos os recantos, simpatizamos de saída com o << Jornal do Povo>>, de feição moderna e formato grande, sob a orientação

⁷⁰ A VOZ DE CHAPECÓ. **Jornal do Povo**. Chapecó, 06 de jul. de 1951.

de nosso amigo s.r. Danilo de Quadros, por se esforçar lealmente para manter equidistante de política, enquanto a << Voz de Chapecó>> e o <<Imparcial>>, apesar do nome, tem cor política mais acentuada.⁷¹

O trecho é de uma reportagem publicada pelo jornal “O Noticioso” da cidade de Carazinho, do vizinho estado do Rio Grande do Sul, na edição de 12/07/51, quando comenta uma visita à cidade de Chapecó, a mesma foi publicada na íntegra pelo “Jornal do Povo”.

A questão política e partidária realmente é muito presente nos jornais locais neste período. É possível perceber, já na primeira edição do jornal “O Imparcial” uma reportagem com o título “Derrota Merecida”, que buscam justificar os motivos pelos quais a UDN e o PTB ganharam as eleições, como poderemos ver a seguir:

Uma das causas que mais contribuiu para a derrota do Pessedéimos em Chapecó foi, sem dúvida alguma a incapacidade moral, política e administrativa, demonstrada, por seus dirigentes durante o período que estiveram á frente do distinto município. [...] Venceram o pleito como realmente tinham que vencer porque prometeram mundos e fundos. Chegou o dia da posse [...] O povo então esperançoso e confiante nos êxitos do Partido Social Democrático, antevia nos novos dirigentes a solução rápida de seus mais urgentes problemas [...] Estiveram, os senhores da situação apoiados na força avassaladora do dinheiro, que aliás, só lhes poderia ser compensadora. [...] O pessedéimos em Chapecó construiu na areia, nada tinha de concreto, a obra minada e enfraquecida em seus próprios alicerces teriam um dia que cair como de fato caiu com o pleito de 3 de outubro. [...] Afora, alguns trechos de estrada e algumas escolas construídas no interior, ressaltando igualmente, a construção dos edifícios da Prefeitura e do Departamento, o que mais realizou o governo pessedista em Chapecó? [...] Preparava-se, entretanto o ambiente que mais tarde traria consequências funestas e dolorosas sobre a população de Chapecó. [...] Foram estas, e, muitas outras mazelas do pessedismo que contribuíram decisivamente para a eclosão inexorável irrompida sobre a coletividade Chapecoense. Refiro-me a onda de incêndios e os assassinatos que evadiu Chapecó recentemente e, cujo fenômeno social é claramente explicável pelas leis invariáveis da dinâmica. [...] O ambiente em apreço, vinha ha tempo sendo preparado, o homem sendo produto do meio em que vive, necessariamente tinha que receber os influxos do mesmo e, por isso não tardou a manifestar-se a dolorosa constatação dos fatos de que o Brasil inteiro ficou ciente [...].⁷²

O título do artigo já deixa clara a intenção do autor, que seria de realmente mostrar que o PSD atuou para ser derrotado. No decorrer do texto não são medidas palavras para depreciar a gestão anterior, e principalmente criticando os que no momento seriam a oposição, mas que já foi situação. A primeira impressão que temos ao ler o artigo é de um município sem domínio e capacidade administrativa, justificando assim a série de incêndios e a chacina, ocorridos no ano anterior em Chapecó. O jornal, segundo Hass⁷³, mesmo não deixando claro em suas publicações, assume a postura de defesa da maioria dos participantes do linchamento,

⁷¹ RHODAN, Ervino. Crônica de Chapecó. **Jornal do Povo**. Chapecó, 04 de ago. de 1951.

⁷² PALMA, Jacy. Derrota Merecida. **O Imparcial**. Chapecó, p.4, 25 de fev. de 1951.

⁷³ HASS, 2013, op. cit., p.154-155.

culpando apenas Lajus e Loss, pois o delegado Lajus, envolvido nos acontecimentos, era filhado ao PSD.

Ao contrário do que imaginávamos antes de termos contato com a fonte, os primeiros discursos dos jornais, não são de acalmar os ânimos da população apreensiva com os acontecimentos. Pelo contrário, envolvidos em fervorosos discursos políticos, os propagadores dos discursos de cidade, estiveram mais preocupados em denegrir a imagem de seus adversários políticos do que propriamente desconstruir uma imagem negativa de Chapecó e acalmar a população amedrontada. Entre os articulistas deste período, que fazem fortes críticas a cidade e a oposição, está Roberto Machado, que no decorrer do período estudado escreve artigos polêmicos como o publicado pelo jornal “O Imparcial” com o título Terra de Ninguém:

Terra de ninguém, é a faixa de terra que fica situada entre dois exércitos em guerra, em luta sem trégua e permanente. É o espaço de terra sobre qual não impera autoridade alguma, onde, pela força das armas todos mandam e onde, pela mesma força, ninguém manda. É uma zona perigosa, atingida por todos os projéteis, disputada a todo instante com o risco, da própria vida. É uma terra sobre a qual se fixam todos os olhares, isolada, estéril, cercada de inimigos ferozes, que se entrechocam nas cargas terríveis e silenciosas da arma branca. É um descampado, visado pela sanha de todos os inimigos, focalizado por todas as metralhadoras, perfurado por todas as balas, depredada por todos os guerreiros. Enfim... é uma terra de ninguém! Nela ninguém tem prioridade! Nela ninguém manda e todos mandam! Nela nascem os heróis e surgem os covardes!

Assim tem sido Chapecó até agora! Terra de ninguém! Terra abandonada! Terra sem lei! Terra sem autoridade! Terra onde todos querem mandar e todos se desentendem nessa balbúrdia infernal! Terra onde todos se julgam autoridades, por que não há autoridade! Terra onde qualquer funcionário se arvora em pessoa capaz de mandar fazer prisões, a seu belo prazer, tornando-se senhor absoluto dos destinos e das liberdades de seus semelhantes! Terra onde um simples inspetor de quartelão manda fechar estradas e abri-las, onde bem lhe aprouver, apreendendo armas para vendê-las pouco mais adiante, enfim.., isso é Chapecó. [...] cometesse arbitrariedades, tomando atitudes indignas e ridículas, fazendo loucuras sem par, fingindo-se cumpridora da lei, mostrando-se irresponsável, porque, estão, eles mesmos, por si, teriam deixado de ser autoridades para serem tudo, menos merecedoras do apreço e da admiração, da estima e do respeito do povo!⁷⁴

Novamente percebemos que, apesar de ser uma crítica aos opositores que perderam a eleição, os artigos publicados no jornal “O Imparcial”, neste primeiro momento, acaba contribuindo para uma visão negativa de Chapecó mesmo não sendo esta a intenção. Pois o que eles pretendem com as publicações, era desestabilizar a oposição, composta por nomes de prestígio social como o da família Bertaso. E principalmente mostrar a população que, os que se consideravam detentores do poder e criadores de uma cidade moderna e desenvolvida, também cometeram erros e não poderiam ser considerados heróis, com o intuito de modificar a visão e os discursos proferidos anos anteriores. Percebendo isso, O jornal “A Voz de

⁷⁴ MACHADO, Roberto. Terra de Ninguém. **O Imparcial**. Chapecó, p. 1, 25 de fev. de 1951.

Chapecó” sentindo-se ofendida pelas publicações, pública uma série de artigos intitulados “Os desmemoriados” para rebater as críticas feitas à antiga administração municipal:

Após a mudança das posições políticas na administração pública não só do Estado, como deste município, começaram a aparecer aqui certos desmemoriados.

Alguns, embora assim os consideremos, realmente não perderam a memória, pela simples razão de que nunca a possuíram. São os eternos demagogos, descontentes e derrotistas, que de nada entendem, nada querem ver, nada lhes serve.

Essa classe de inibidos mentais procura num esforço sobre-humano sobressair-se, mas seus métodos são a deturpação de fatos, os ataques mesquinhos, as mentiras deslavadas, por lhes faltarem méritos de educação, cultura e outros que os tornem merecedores da consideração pública.

Para esses seres, verdadeiramente infelizes, o passado não existe.

Não têm futuro definido e certo, porque o amanhã dependerá, para eles, da conveniência de seus interesses materiais, já que a moral, a lógica, a ética, lhes são completamente inúteis.

Interessa-lhes o presente e por isso tomam agora, atitudes de chefetes, orientadores mirins da opinião pública, salvadores da pátria amada.

Em qualquer ocasião, não importa seja o momento impróprio [...] O assunto é sempre o mesmo: culpar os homens, o governo e a partido dominante, no passada administração, porque todos os problemas de interesses da coletividade não foram resolvidos.

Por não possuírem memória, não lembram aos ouvintes que já fizeram parte daquele mesmo partido, que muitas vezes elogiaram e endeusaram aqueles mesmos administradores que hoje atacam; que graças ao elevado espírito público daqueles homens, conseguiram emancipações político-administrativas de distritos; que, enfim, uma grande parte de serviços públicos foram resolvidos, atendidos, melhorados e encaminhados.

Para nós esses pobres mentais, que sofrem de amnésia, nos inspiram piedade porque não sabem o que dizem. São desmemoriados.⁷⁵

Podemos perceber no artigo, como é clara a rivalidade do momento, as críticas e defesas ocorrem de forma intensa, com um único intuito de denegrir a imagem de seus opositores políticos. Tanto que na publicação acima percebemos que no jornal “A Voz de Chapecó” comentava que alguns dos críticos já foram aliados e “endeusaram aqueles mesmos administradores que hoje atacam” chamando estes de podres mentais que não estão lembrados destes fatos. Desta forma, são intensificadas as publicações nas edições principalmente destes dois jornais, com apimentados e fortes debates. Isso ocorre com menos intensidade no “Jornal do Povo”, que apenas publica alguns artigos de Roberto Machado, e não faz comentários muito significantes sobre o assunto, pois apesar de apoiar a nova administração, tem na lista de seus articulistas nomes como Antonio Selistre de Campos, ligado ao trabalhismo, mas que era apoiador e amigo de muitos membros da oposição.

Ao perceberem os prejuízos que a intensidade destes artigos poderiam causar, favorecendo uma desvalorização do progresso, e a construção ainda maior de uma imagem negativa da cidade, iniciou-se a divulgados artigos apaziguadores no jornal “A Voz de

⁷⁵ OS DESMEMORIADOS. *A Voz de Chapecó*. Chapecó, p. 1, 18 de fev. de 1951.

Chapecó”, como o escrito por Olintho Zimmerman, com o intuito apresentar outra visão, como o próprio título do texto já diz, ele quer mostrar que Chapecó não é assim:

Temos lido ultimamente as colunas dos nossos colegas desta cidade, diversos artigos que procuram difamar a nossa Chapecó; ora chamando-a de “Cidade incendiada” – “Terra de ninguém” e outras coisas mais.

Não queremos desdizer o autor desses artigos, no que diz respeito a algumas falhas de autoridades; faltas, alias humanas e desculpáveis. Mas não queremos também que se dê a Chapecó qualificativos imerecidos. [...]

O que pensarão os leitores não residentes em Chapecó, lendo que isto aqui é “terra de ninguém”, sendo que no mesmo jornal vem anúncios de ilustres advogados, médicos, farmacêuticos etc.

Por outro lado, se alguma autoridade não tem pautado sua linha de conduta de acordo com as normas do direito e da moral, é preferível que se ataque, que se condene pela imprensa, falada ou escrita, diretamente a essa autoridade ou a esse individuo, mas nunca se menospreze todos os habitantes de Chapecó, dando-lhes gratuitamente adjetivos depressivos, porque afinal de conta, num lugar como Chapecó, e milhares de outros, todos são dependentes, se não financeira, mas ao menos socialmente, pois até nas ocas e tabas os seus habitantes são dependentes.

Para nós, os homens da cidade, o colono ou o caboclo do sertão, merecem o mesmo respeito como ser humano, como parte integrante desse todo que chamamos povo.

E o distinto autor desses comentários contra o bom conceito de Chapecó, é sem dúvida, uma das inteligências moças e entusiásticas de nossa sociedade, que vive em nosso meio e que com muitos argumentos poderá dizer realmente o que é Chapecó, no tocante ao seu desenvolvimento moral, intelectual e financeiro.⁷⁶

No artigo, fica visível a preocupação com os leitores externo a Chapecó, pois já estava sendo transmitida uma imagem ruim da cidade por jornais nacionais, devido ao linchamento, e agora até mesmo os jornais locais intensificam isso, ao final do trecho Zimmermann ainda lembra que o autor dos comentários é um moço entusiasta da cidade, que poderia falar realmente o que Chapecó é antes de falar mal. Ao que parece a população também começa a não gostar dessa nova onda de discursos, carregada de sentimentos políticos que toma conta dos três jornais da cidade, pois nos primeiros meses de 1951, o que mais encontramos nos jornais são intensos debates sobre Chapecó, que acabam envolvendo questões políticas, e são publicados e rebatidos, tornando-os banais. Tanto que um leitor encaminha uma carta endereçada aos três periódicos, mas que é publicada apenas pelo “A Voz de Chapecó” pedindo para que sejam cessadas estas discussões:

[...] Vamos abrir, entretanto, uma exceção a uma circular, sem lhe endossas os conceitos, que recebemos quinta-feira última, pelo correio, não só porque acreditamos terem sido enviadas cópias idênticas aos nossos colegas desta cidade, conforme consta no início da referida circular, porque igualmente entendemos que esses ataques contra tudo e contra tudo e contra todos, muito embora alguns não sejam “contra pessoas vivas ou mortas”, só trazem prejuízos ao bom nome do município de Chapecó, que outrora sempre gozou de boa reputação.

Eis os dizeres do referido escrito, na integra:

CIRCULAR

A Voz de Chapecó - Imparcial e Jornal do Povo.

⁷⁶ ZIMMERMANN, Olintho. Chapecó não é assim. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p. 1, 04 de mar. de 1951.

Para o bem estar e tranquilidade da família chapecoense imploramos aos articulistas: Desmemoriados,... e por falar em desmemoriados etc. A terminarem com suas polêmicas.

Com os acontecimentos de Chapecó e as polêmicas que os procedem ao longe se conclui, que de fato é terra de ninguém habitada por cangaceiros, como diz o louco machado.

Em, português mais claro: aqui roubaram, mataram e incendiaram e os jornais locais só falam em roubos, o que se pode dizer ao longe desta terra? Pelos escritos se deduz a conduta do povo.

Botem uma pedra em cima a tudo isto, sem dó e sem dor, virem à folha e tratem de assuntos, que direta ou indiretamente, alivie a aflição de Chapecó, este pobre Chapecó, que ao longe sua fama é tão triste como tristeza de Jeremias, que chorava as tristezas de Jerusalém, sentado, sobre os escombros das muralhas.

Assim entendem Rio- Porto Alegre e Palmas.

Alcançando o que desejamos mais tarde será tudo esclarecido, Por hora.

Amém. [...]⁷⁷

A situação acaba saindo do controle daqueles que buscavam o progresso e a modernização. E a população não satisfeita com isso, resolve pedir um basta, como percebemos na circular divulgada pelo jornal. De fato, a questão toma tamanha proporção que até Vicente da Cunha, ex-prefeito de Chapecó que faleceu em janeiro de 1951, antes mesmo de terminar seu mandato, é citado inúmeras vezes pelos articulistas em publicações que criticam e defendem suas ações.

Parece-nos um pouco contraditório, ao mesmo tempo em que ocorre a intensa discussão e debates acalorados sobre assuntos polêmicos dos acontecimentos da urbe, vindo átona muitos problemas e deficiências desta, por meio dos jornais locais. Havia tentativa de resgatar uma imagem positiva sobre a cidade, ocorre uma não aceitação e defesa de qualquer notícia divulgada por jornais de outras cidades ou Estados, que falam sobre a chacina e desordem em Chapecó. Fazendo comentários que pretende desmentir a difamação:

[...] quando vemos chegar a nossa terra repórteres e fotógrafos dos jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro. O que querem eles o que vieram fazer? São perguntas que fazemos uns aos outros, temerosos que os tais cidadãos queiram, para causarem sensação jornalística, dar má fama e apresentarem Chapecó ao resto do país, com a celebridade malsinada de uma nova Sodoma ou Gomorra.

Há anos passados aconteceu, como tem acontecido em vários outros lugares do país, certo fato de somemos importância, cousa que não teve aqui a sua origem, no entretanto foi o suficiente para os jornais da corrente Diários Associados, trazerem em manchete alarmadoras uma catilinária virulenta contra o nosso Município, o que provocou uma reparação pública no Senado Federal pelo líder da maioria Dr. Ivo de Aquino, ilustre representante do Estado de Santa Catarina, naquela Casa. [...] Vimos, como dissemos acima, repórteres nesta cidade a cata de sensacionalismo, e aqui vieram por um rebate falso de algum caçador de furos jornalísticos, mas para nossa felicidade foram ludibriados. A verdade mais uma vez venceu a calúnia: Tivemos a feliz oportunidade de palestrar com um deles. Era um jovem, que se nos pareceu simpático, acessível, inteligente e bem humorado. Não o responsabilizamos pela sua viagem a esta terra, não nos pareceu mal intencionado e temos a esperança que S.S, desmintam em seu jornal a má propaganda, que seus colegas têm feito de Chapecó; julgo, meu caro senhor, que fará assim um ato de justiça, pagando com uma crônica serena e verídica as aleivosias assacadas contra Chapecó por outros colegas de

⁷⁷ UMA exceção. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p. 1, 17 de jun. de 1951.

imprensa. Há Mouros na Costa..., repitamos, mas cremos que eles agora nos vieram trazer a bandeira branca de paz. A paz de que tanto carece uma população, que trabalha e quer progredir.⁷⁸

Gustavo Gonzaga mostrou-se um cidadão preocupado com a desconstrução desta imagem negativa divulgada pelos jornais, tanto que em sua publicação solícita que seja feita justiça ao município, que seja desmentida a propaganda negativa feita por seus colegas jornalistas, que buscam apenas sensacionalismo em suas reportagens não se preocupando com a verdade dos fatos. Tanto é que ele ainda publicou outro artigo sobre o mesmo assunto, no jornal “O Comércio”, que é transcrito pelo jornal “O Imparcial” na sua edição de 22/04/51:

Não me capacito da vantagem que pode ser tirada, por alguns órgãos da imprensa do nosso país, jornais e revistas, caluniando como o fazem um próspero e rico pedaço do nosso Brasil, que é o Município de Chapecó. Será a carência de massa cinzenta de alguns cérebros de articulistas que os impossibilitem de procurarem no campo vasto da ciência, das artes e da sociologia matérias útil, proveitosa e palpitante de interesses, ou será a morbidez de sadistas havidos de pasto para seus espíritos anormais e doentios!

[...] Quando a pessoa culta e ilustre do atual Governador de Sta. Catarina, **julga ser Chapecó o futuro econômico do Estado**, é que este Município não pode ser um foco de bandidos e banditismo, mas, sim, um lugar onde reside uma população laboriosa, ordeira e que muito se esforça para o engrandecimento de nosso país. É bem verdade que foi cometido lá, um crime hediondo, porém os seus autores e cúmplices acham-se presos aguardando o pronunciamento da sociedade e justiça local, que saberão punir os culpados.

Criminosos e crimes horripilantes existem e são cometidos em qualquer parte, não só do nosso Estado, mas em toda parte do mundo onde haja população.

Cidade ou vilarejo perfeito não existe nesta terra e se houver um changri-lá neste mundo, diga-me alguém onde está localizado.

Vamos, pois, sermos serenos e sinceros nas notícias. Srs. Jornalistas, e não queiramos por tanto tempo atormentar a população de um município, que não tem culpa de que o ser humano não seja um modelo perfeito de virtudes.

Não creiam, pois, os nossos leitões em alarmes ou distúrbios apregoados pelos jornais, porque podemos afirmar: Reina a paz em Chapecó!⁷⁹

Novamente fica clara a preocupação em acabar com a vinculação de notícias na imprensa nacional a respeito dos acontecimentos de Chapecó, que denigrem a imagem da cidade e de seus habitantes como um todo, passando uma ideia de criminalidade. Apela, ainda, para o discurso do Governador do Estado feito em sua campanha, que garante não esquecer que Chapecó é o futuro econômico do Estado de Santa Catarina. Pretendendo ganhar maior prestígio na defesa do assunto. Os jornais buscavam não apenas discursos de seus articulistas, também deram voz aos discursos proferidos por pessoas estatuarias que possuem maior prestígio e reconhecimento popular, como é o caso do trecho acima que introduz uma fala do governador de Santa Catarina, e de algumas reportagens publicadas nos jornais locais que trazem pronunciamentos de deputados em defesa da boa índole da cidade.

⁷⁸ GONZAGA, Gustavo. Há Mouros na Costa!... . **O Imparcial**. Chapecó, p.4, 18 de mar. de 1951.

⁷⁹ GONZAGA, Gustavo. Desfazendo Calúnias: Reina Paz em Chapecó. **O Imparcial**. Chapecó, p. 2, 22 de abr. de 1951. (grifo nosso)

Sr. Presidente:

Srs. Deputados:

Repetidas vezes tenho ocupado esta tribuna para falar sobre problemas gerais, em especial sobre o Oeste do Estado, Chapecó. [...]

Hoje, porém, acho-me nesta tribuna, com o fim especial de desfazer conceitos; conceitos errôneos, --- pejorativos, deprimentes.

Constrange-nos ao ouvir comentários --- ou ler num jornal -- coisas, que até poderiam escutar-se em repartições públicas admito. Porém não seja, nesse sentido de rebaixamento, de desprezo, por exemplo:

(o Chefe ao subordinado)

Ou você se endireita ou vai ser transferido para Chapecó. ---

Ou este, ainda: Cuidado... Chapecó... Como se Chapecó fosse um espantalho, --- Como se em Chapecó só houvesse índios e bandidos. ---

Como se fosse uma temeridade alguém ir ou mandar-se para lá.

Como que se Chapecó não fizesse parte de nossa comunidade nacional. - Como si Chapecó fosse para nós uma Guiana! !

Snr. Presidente!

Srs. Deputados!

Está errada esta mentalidade que fazemos de Chapecó; é um dever nosso fazê-la. --- Devemos bradar aos quatro ventos, que **Chapecó é uma potência; --- uma potência econômica** e, principalmente, eleitoral e anda por força de seu potencial humano. Isto constitui um orgulho para nós. --- Nem por isso, não somos e nem queremos ser mais do que outros municípios. --- Mas convenhamos; --- Também não podemos consentir, de sermos todos como inferiores, --- só pelo fato de sermos de Chapecó. [...] ⁸⁰

Ao apontar sua indignação com a forma em que Chapecó estava sendo tratado, o deputado, chama a responsabilidade para seus colegas deputados, estes devem colaborar para acabar com a deturpação da imagem de uma cidade e de um povo que não deve pagar por um crime cometido por alguns homens. Também apontando para a generalização das falas de menosprezo, assim tenta mostrar que nem todos os cidadãos de Chapecó são pessoas inferiores, violentos e bandidos. Porém o que mais nos chama atenção nos dois trechos anteriores é a intenção de caracterizar a cidade como uma potência econômica do Estado. Neste período inicia-se de fato um trabalho intenso para destacar Chapecó neste aspecto, mostrando todo seu potencial agrícola e econômico, estando localizado em um local de terras férteis e produtivas. Mesmo distante do litoral do Estado, se encontra geograficamente localizado em uma região importante, por ser fronteira com a Argentina e fazer divisa com o Paraná e Rio Grande do Sul. Facilitando assim o escoamento de seus produtos. Entre eles a madeira foi a que teve maior destaque até esta década, mas também ganhava força a produção de grãos e a criação de animais.

[...] E que, Chapecó, representando como de fato representa, uma das maiores reservas econômicas do sul do país, robustecida pelo seu apreciável potencial humano que, dia a dia, exaustiva e pacientemente mais se dedica ao aproveitamento e conseqüente distribuição de suas riquezas não poderia mesmo ficar a mercê do tempo.

⁸⁰ SCHENEIDER, Vicente João. Chapecó não é tão mau assim... . **O Imparcial**. Chapecó, 24 de jun. de 1951, (grifo nosso).

Ponderáveis são ainda os motivos que aconselham uma assistência mais expedita a este oeste Catarinense, pois, segundo rezam as estatísticas de previsão, esta parte do Estado está fadada a cumprir num futuro próximo o papel de um dos mais supridos celeiros do Brasil. [...]

A suinocultura, de modo especial, está se desenvolvendo a passos largos nesta região e, segundo as estatísticas, este surto pode ser comparado hoje ao dos maiores centros produtores. [...] ⁸¹

Ao escrever um relatório sobre Chapecó, para a comissão executiva do Estado, o diretório municipal do PTB, mostrou por que devem existir mais investimentos no município, destacando o potencial que este tem para o Estado. No mesmo contexto o discurso do Governador do Estado, em visita ao município no mês de novembro de 1951, apontou para o potencial econômico desta região, que não deve ser esquecida:

[...] Porém de qualquer modo, precisamos retirar Chapecó do isolamento em que vive. E o Governo que isto fizer não prestará um favor a Chapecó, mas ao Estado de Santa Catarina. Sim, porque no dia em que estiver cultivada toda a área territorial do vosso município, abrir-se-ão para Santa Catarina as portas do mais rico e opulento celeiro do sul do Brasil.

Desde que assumi o Governo do Estado, venho empenhando-me para ver iniciada a construção de uma grande rodovia, partindo de São Miguel de Rio do Oeste ao porto de São Francisco do Sul. A meu pedido, o Sr. Presidente da República já enviou mensagem ao Congresso Nacional nesse sentido.

Essa iniciativa, sobre contribuir para o desenvolvimento do município, dinamizando as imensas riquezas que aqui jazem inaproveitadas, canalizará o produto do vosso trabalho aos mercados consumidores, estabelecendo o intercâmbio de valores tão necessário à vida de uma cidade e ao progresso de uma região. [...] ⁸²

Irineu Bornhausen acredita que Chapecó e a região Oeste serão o mais rico celeiro do Sul do país, pois possuem uma extensão territorial muito vasta. Mas para que isso ocorra é preciso cultivar toda a área territorial, e possibilitar o escoamento da sua produção. Não apenas nestes trechos citados percebemos a valorização do potencial econômico da cidade e da região, em vários outros momentos os deputados Chapecoenses ao fazerem a defesa do município na Câmara Legislativa ressaltam o quão grande e importante é para Santa Catarina e para o Brasil esta região. Novamente notamos uma modificação discursiva, pois o que víamos até 1950 era uma busca constante pela modernização.

A partir da década de 1950 assiste-se a um outro tipo de abordagem sobre as questões urbanas. As intervenções nas cidades, no âmbito do nacional-desenvolvimentismo, ocorreram segundo a perspectiva de que o crescimento econômico seria o fator fundamental das transformações: “o projeto de constituição da nação desloca-se para o eixo econômico”, o que implicaria a urbanização do país [...]. ⁸³

⁸¹ RELATÓRIO, enviado pelo Diretório Municipal do PTB à Comissão Executiva Estadual. **Jornal do Povo**. Chapecó, 22 de set. de 1951.

⁸² O GOVERNADOR Irineu. **Jornal do Povo**. Chapecó, p.4, 24 de nov. de 1951.

⁸³ LOHN, Lindolfo Reinaldo. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). Disponível Em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100013. Acessado em: 07 de jun. de 2017.

A nova abordagem sobre as questões urbanas não era algo exclusivo de Chapecó, mas ao que podemos verificar através de Lohn vem tomando folego em todo país por meio do âmbito nacional-desenvolvimentista que pretendia aumentar o crescimento econômico e buscar transformações. É a partir desta década que se inicia o que Vitoria⁸⁴ chama de uma construção de Chapecó como “Polo formador dos Polos” ou “Capital do Oeste”, onde começam a ser almejados novos rumos para a cidade visando seu crescimento. E para isso os jornais contribuem no sentido de orientar a população para novos pensamentos e práticas.

Entre continuidades e rupturas que vinham ocorrendo na prática discursiva do período, percebemos uma iniciativa vinda do jornal “O Imparcial” de desconstruir a idealização que havia sido criada até o momento ao redor da família Bertaso. Não encontraríamos de forma alguma antes de 1950, qualquer publicação na imprensa local que atingisse a imagem destes que são os colonizadores da região. Como o jornal não estava preocupado em bajular opositoristas ligados ao PSD, não teve receio em escrever em várias edições notas ou artigos que criticassem de forma mais contundente a família.

[...] Por sua vez, o Dr. Serafim Bertaso, um outro vereador eleito, ainda não se dignou a comparecer na Câmara de Vereadores no corrente ano de 1951! Notem bem, senhores, notem bem! O Dr. Serafim Bertaso, por mais absurdo que pareça, ainda não foi a uma reunião sequer, da Câmara de Vereadores de Chapecó, neste ano, e, nem ao menos tomou posse! O absurdo é tão grande que merece o nosso comentário, embora, modesto! Eis aí, portanto, um representante do povo chapecoense que não merece ser representante de povo algum nem de qualquer tribo africana, quanto mais de nossa gente! Para que se candidatou, se não pode e nem quer zelar pelo bem coletivo? Por que não renúncia, já que nada faz como vereador e só está tomando o lugar de outro que talvez faça alguma coisa? [...]

Sei que no próximo domingo sairão em campo os bajuladores, os adoradores de todos os deuses, os que fazem discursos de elogio rasgado e hipócrita a todos os néscios, as mariposas de todas as lâmpadas, e tentarão inutilmente iludir o povo afirmando ser falsa a minha afirmação! Mas para o povo que lê os meus artigos eu digo o seguinte: provo tudo o que disse acima [...]⁸⁵

O advogado Roberto Machado ao escrever o artigo intitulado Amigos da Onça publicado no “O Imparcial”, criticou o presidente da Câmara de Vereadores e o vereador Serafim Bertaso, o primeiro por não comparecer a seção afirmando que foi motivado por problemas de saúde, quando na verdade estava trabalhando para seu próprio interesse particular. E o senhor Serafim por até maio não ter comparecido em nenhuma seção da Câmara, nem mesmo ter sido empossado. Sendo mais enfático ao afirmar que tinha convicção que no próximo domingo sairiam publicações sobre o assunto, vindas dos bajuladores e adoradores de todos os DEUSES. Pois sabe que os mencionados são pessoas que possuem

⁸⁴ VITORIA, op. cit.

⁸⁵ MACHADO, Roberto. Os Amigos da Onça. **O Imparcial**. Chapecó, p. 1, 13 de maio de 1951.

prestígio social. Da mesma forma fala “O Brasil de hoje não admite mais a existência de deuses humanos. Que parem com essa mania de que o Dr. Serafim Bertaso não pode errar, pois ele é humano, como qualquer de nós, e como todos sujeito aos erros mais grosseiros!”⁸⁶. Neste mesmo sentido de difamação ocorreu uma divulgação intencional do mesmo meio de comunicação impressa, sobre um projeto de lei aprovado pela Câmara, que isenta as companhias colonizadoras de pagar impostos territoriais ao município. E novamente ocorreu uma desmoralização da figura de Serafim Bertaso, por ser ele um dos colonizadores.

Após apontarmos várias modificações nas abordagens da cidade, apresentadas pelos jornais no início da década de 1950. Não podemos terminar esta primeira parte do capítulo sem antes destacarmos uma questão que veio chamando atenção no decorrer da leitura das fontes, relacionada à religiosidade, e a forma em que os jornais a abordam. Sabemos que desde o início da colonização de Chapecó, a igreja e a colonizadora trabalhavam na mesma linha, Vicenzi indigita sobre o assunto, e afirma que a igreja foi grande aliada dos colonizadores. “Difundir o cristianismo e povoar a região com católicos romanos significava a garantia de preservação dos costumes dos migrantes e de suas adesões à ordem instituída.”⁸⁷. A Igreja católica fortalecia a ideia de progresso, e o colonizador sabia que a partir do catolicismo romano era possível obter com maior facilidade o respeito e a obediência ao poder político. “As práticas coronelísticas e patriarcalistas de Bertaso se estendiam pelo domínio político, econômico e religioso. Nesse último, militavam pela submissão dos colonos ao catolicismo romano [...]”⁸⁸ para com isso facilitar o trabalho de disciplinarização das novas colônias. Percebemos uma continuidade nestas práticas ainda na década de 1950:

[...] Há poucos dias ouvi, da boca de um cidadão que se dizia católico de berço e conhecedor da religião católica esta horrível blasfêmia: “o Papa é o maior cafajeste”! É triste, mas eu ouvi! A um sujeito desta classe podemos chamar sem receio de boca suja e atrasado. [...] ⁸⁹

Além dessa, encontramos em várias outras edições dos jornais locais muitas reportagem que falam sobre a Igreja católica romana, inclusive com frequência eram publicados comentários sobre trechos bíblicos, dogmas da Igreja, entre outros. Apesar de que por duas vezes o jornal “O Imparcial” escreve artigos intitulados Convicções Religiosas-Convicções Políticas e Convicção Religiosa e Política para deixar claro que “Todo jornal que quiser impor aos seus colaboradores o credo político e religioso de seu Diretor, foge a sua

⁸⁶ MACHADO, Roberto. Verdade e Abaixo- assinados. **O Imparcial**. Chapecó, p. 1, 20 de maio de 1951..

⁸⁷ VICENZI, Renilda. **Mito e história na colonização do oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2008.p.109.

⁸⁸ Ibid. p.109.

⁸⁹ VERIDIANO. Aos que criticam o Papa. **O Imparcial**. Chapecó, p. 1, 16 de set. de 1951.

razão de ser e as finalidades da sã imprensa, tornando-se um adepto da ditadura [...]”⁹⁰. O que realmente nos chama atenção é que apenas em 17 de novembro de 1951 é publicada uma reportagem no “Jornal do Povo” de outro credo religioso que não seja o catolicismo romano:

IGREJA CRISTÃ PRESBITERIANA DE CHAPECÓ

Em seu avião especial << Arauto do Evangelho>> , dirigido pelo piloto s.r. Jorge Class, chegaram a esta cidade, no dia 5 do corrente mês, os Rvdos. Celso Wolf e Roberto Mcintire, os quais, na noite do citado dia, realizaram sua primeira conferência, no templo da Igreja Cristã Presbiteriana de Chapecó, sito à rua Barão do Rio Branco, tomando por tema parábola << O filho pródigo>>, do Evangelho.

Foi feita a projeção do filme alusivo à aludida parábola, de acordo com a orientação Centro Audiovisual Evangélico, achando-se o aludido templo com sua lotação quase completa.

Em a noite do dia seguinte realizou-se novamente conferência, sob o título << O Peregrino>>, igualmente com projeção de filmes, ouvida a assistida por numerosa concorrência, tendo dia 7, viajado os conferencistas, em seu referido avião, com destino a São Paulo, que é a sede do citado Centro Audiovisual Evangélico.⁹¹

Mas só com a publicação do jornal “O Imparcial” de 25 de novembro de 1951, foi possível perceber, que existiam alguns assuntos que ainda tinham certa resistência para quanto à modificação das práticas discursivas, e a religiosidade é um destes:

A PEDIDO O PROGRAMA EVANGÉLICO

Por Olson Pemberton, Jr.
Pastor da Igreja Presbiteriana.

Desejo de fazer ciente ao público a razão porque O Programa Evangélico foi forçosamente terminado. Este programa, patrocinado pela Igreja Presbiteriana, foi iniciado em Agosto, sendo irradiado pelas ondas do Rádio Oeste Catarinense Ltda., todos os Domingos às 19,00 horas (ultimamente às 19,30).

No dia 30 de Outubro recebi um aviso escrito pelo Snr. Severino De Toni gerente do dito Rádio, informando-me que “... nossa Emissora, que, sendo propriedade exclusiva de cidadãos católico-romanos, e, em virtude de reclamações de pessoas intimamente ligadas aos aludidos proprietários, e merecedoras de consideração, julgou-se inconveniente que sua onda fosse portadora de ideias e doutrinações divergentes do Catolicismo”.

Quando recebi esta notícia, dirigi-me ao Snr. De Toni e a uma parte da diretoria, sendo informado por eles que a “figura decisiva” foi o Snr. Ernesto Bertaso e que ele podia me orientar melhor sobre o assunto. Ao falar com o Snr. Bertaso, fui avisado que certas pessoas católica-romanas não gostaram do programa, entre as quais foi o vigário que “achou que o programa estava prejudicando a campanha de levantar dinheiro para a nova igreja”.

Creio que não seja necessário afirmar que o Programa Evangélico não foi iniciado para discutir como, ou ser contra a Igreja Romana, ou qualquer outra seita. E quanto menos queríamos prejudicar a campanha da nova igreja. A finalidade do Programa Evangélico foi simplesmente a divulgação do Evangelho do Nosso Senhor Jesus Cristo, e a glória do Seu Santo Nome. Lamentamos que a nossa finalidade e a das pessoas contrariantes não fossem consoantes.

Xanxerê, 19-11-51
Olson Pemberton, Jr.⁹²

⁹⁰ GONZAGA, Gustavo. Convicção religiosa e política. **Chapecó**, 01 de jul. de 1951.

⁹¹ IGREJA cristã presbiteriana de Chapecó. **Jornal do Povo**. Chapecó, 17 de nov. de 1951.

⁹² PEMBERTON, Olson, Jr. O programa evangélico. **O Imparcial**. Chapecó, p. 1, 25 de nov. de 1951.

Esta nota de esclarecimento a respeito do motivo pelo qual o programa de rádio da Igreja Presbiteriana sai do ar vem de encontro com uma passagem da obra de Vicenzi que diz:

Nos relatos realizados pelo coronel Bertaso ao governo estadual, evidenciava-se que a religião católica romana era predominante entre a população que migrava do Rio Grande do Sul para Chapecó. Ignorando as demais manifestações religiosas – entre elas a protestante, que possuía uma igreja situada na vila de Xanxerê – [...] ⁹³

A partir desta publicação ficou nítida a forma como os detentores do poder, neste caso, representados pelos donos dos meios de comunicação e pelo vigário da cidade, manipulavam muito do que era publicado na imprensa, de acordo com seus interesses e credos religiosos ou partidários. Desta forma, constatamos que antes de 1950 como existia apenas um jornal em Chapecó, muito do que era publicado era conduzido por essas pessoas detentoras de certo prestígio e poder seguindo o mesmo rumo de manipulação, não dando espaço para os que tinham visão contrária. Tanto que quando surgem novas opiniões a respeito de questões cidadinas, surgem gerados conflitos intensos, desaprovando a forma como as novas lideranças intelectuais manifestavam sua opinião.

Na sequência pretendemos mostrar como ocorreu a continuidade da prática discursiva a partir deste início da década. Verificando como o desejo de progresso e modernização, continuaram sendo frequentes nas páginas dos jornais. Portanto, o segundo momento do capítulo se dedica exclusivamente a tentar perceber estas continuidades.

3.2 UTILIZAÇÕES POLÍTICAS DO JORNAL PARA A CONTINUIDADE DO PROJETO DE UMA CIDADE DESENVOLVIDA E DE PROGRESSO.

Nesta segunda parte deste capítulo buscaremos perceber, como apesar da intensa onda de discursos acalorados, os jornais conseguiram dar continuidade a abordagem desenvolvimentista. O que havia sido planejado até então para Chapecó era a construção de uma cidade desenvolvida e moderna, que pudesse ganhar destaque devido ao seu desenvolvimento econômico, como pudemos perceber em vários momentos na primeira parte do capítulo, onde são manifestados os anseios de algumas autoridades estaduais com relação ao futuro do município. Porém quando pensamos no assunto desenvolvimento urbano e cidadão devemos ter em mente uma diferenciação importante feita por Monteiro, “Assim, a urbanização teria um ritmo próprio, ora tentando dar conta do crescimento demográfico e econômico, ora tentando antecipá-lo e orientá-lo. Logo, não há uma relação de determinação

⁹³ VICENZI, op. cit., p.115.

necessária entre o desenvolvimento urbano e as cronologias econômicas,”⁹⁴. Ou seja, este segue uma linha em que não existe ligação direta com as sequências do desenvolvimento econômico. A partir da abordagem desenvolvimentista e de progresso, trabalharemos com alguns temas que se fazem presentes nos jornais, com o intuito de pensarmos continuidade do desejo de que Chapecó decolasse no seu crescimento e urbanização.

Ressaltando como cada jornal se caracteriza por alguns discursos mais acentuados, visualizamos que o “Jornal do Povo” é o único entre os três que se preocupa em registrar e destacar as notícias dos vários setores da economia.

NOVA FÁBRICA DE CAMAS TIPO PATENTE, EM NOSSA CIDADE.

Instalada em nossa cidade mais uma fábrica de camas tipo patente, de propriedade de importante firma Chapecoense Barela, Giacomini & Cia., tem como Gerente o s.r. Arlindo Barela, e como chefe e técnico da fábrica o s.r. Giacomini.

A referida fábrica está instalada à rua Porto Alegre e teve início em fim de dezembro último, estando em franco progresso a sua grande produção, podendo já atender qualquer pedido do nosso comércio do município, pois, à firma Barela, Giacomini & Cia., vende exclusivamente ao atacado, e está apta a atender pedidos de cama de solteiro e casal. A nossa reportagem em visitando a essa indústria pode observar a fina qualidade e o perfeito acabamento com que são feitas as camas, que tem seu nome << Chapecoense>>. Fomos informados, ainda, que dentro de 60 dias fabricarão novos e moderníssimos modelos de camas recém lançadas no comércio da capital do Estado do Rio Grande do Sul.⁹⁵

Essa reportagem, como muitas outras no mesmo estilo, buscam valorizar e destacar novos empreendedores que estavam se estabelecendo na cidade, e segundo o próprio jornal contribuindo para o engrandecimento e progresso de Chapecó. Não podemos deixar também de trazer duas reportagens no mesmo sentido, ambas falam sobre a construção de um luxuoso cinema e a última ainda destaca a implantação de mais duas impressas na cidade entre elas um frigorífico.

CHAPECÓ TERÁ UM LUXUOSO CINEMA

O industrialista Achilles Thomazelli construirá um imponente prédio de alvenaria, com dois pavimentos, à A.v Getulio Vargas

Mais uma iniciativa de grande envergadura e que muito virá contribuir para o engrandecimento e progresso de Chapecó é a que vem de se propor o industrialista Achilles Tomazelli, com a construção um importante prédio, com dois pisos, todo de alvenaria, que mandará levantar, dentro em breve, à Avenida Getúlio Vargas, bem no coração da cidade.

Os primeiros passos já foram dados, com a remoção da terra do local onde será iniciado o alicerce, pelo possante trator com caçamba, pertencente a Municipalidade. Em seguida a esse trabalho preliminar terão começo as obras propriamente ditas, as quais deverão ser ultimadas até o fim do ano corrente, época então em que se dará festivamente, sob uma grande noitada de gala cinematográfica, a inauguração do edifício ao mais luxuoso cinema da cidade e, propriamente, do Oeste Catarinense.

⁹⁴ MONTEIRO, op. cit., p. 103.

⁹⁵ NOVA fábrica de camas tipo patente, em nossa cidade. **Jornal do Povo**. Chapecó, 01 de fev. de 1951.

Segundo apurou a nossa reportagem, pronto o novo prédio será demolido o atual onde funciona hoje o Cine Ideal, e no mesmo local outra importante construção, também de dois outros pisos, terá lugar, e de acordo com o que nos foi informado, se constituirá de espaçosos e bem delineados apartamentos, andar térreo e dependências para a instalação de estabelecimentos comerciais.

Com a concretização dessas duas alvissareiras notícias, a nossa urbe ganhará em seu embelezamento mais alguns preciosos retoques graças à ação fecunda e progressista do conhecido industrialista Thomazelli, sempre atento a incentivar e promover cada vez mais o desenvolvimento e prosperidade de nossa terra.⁹⁶

Alguns pontos da reportagem chamam a atenção, primeiro, para a forma como é dada importância para detalhes da construção e inauguração do dito luxuoso cinema, comentando até que a escavação estava sendo feita “pelo possante trator com caçamba, pertencente a Municipalidade”, não era apenas um trator, mas destacamos ele possuía caçamba e era de propriedade da prefeitura, este simples comentário de que a máquina era de posse do município, remete a ideia de que o mesmo está colaborando para a obra que vai “contribuir para o engrandecimento e progresso de Chapecó”, pois segundo o jornal este seria um dos mais se não o mais luxuoso cinema do Oeste Catarinense. Além disso, devemos dar atenção para outro comentário relevante que aparece no final da reportagem, que diz que a urbe, com estas duas obras, estaria ganhando em seu embelezamento, mas alguns retoques. Bresciani justifica esta preocupação:

Como urbanista, Argan destaca a questão do “valor estético da cidade”, a cidade como espaço visual. Assim, considera que a cidade é antes de tudo um impacto visual ou uma experiência estética. A ela ou aos seus dados visuais é atribuído valor, seja pela comunidade, seja por uma elite de estudiosos em função do interesse da comunidade, já que, diz o autor, “o que hoje é ciência de poucos, será amanhã cultura de todos” (1993b, p.228). Há, sem dúvida, em seu texto a busca do reencontro da dimensão do indivíduo, do *ego* enquanto sujeito, diria ele, da dimensão humana e do cidadão, por ser ele o elemento fundante da própria cidade.⁹⁷

Esta atribuição visual dos indivíduos da urbe remete como Bresciani aponta, para uma busca do ego dos sujeitos fundantes da cidade, ou seja, com isso acreditamos que a questão do embelezamento da cidade era algo que de certa forma preocupava ou/e chamava a atenção dos agentes discursivos de Chapecó. Voltando a questão da divulgação de reportagens sobre iniciativas de ampliação da indústria e do comércio, o jornal publicou mais uma reportagem:

Noutro local desta edição publicamos uma nota sobre a iniciativa industrial do sr. Achiles Thomazelli, resolvendo levar a efeito uma obra de alvenaria de real importância, a ser levantada no perímetro urbano desta cidade, para o funcionamento de luxuoso estabelecimento cinematográfico. Agora, para conhecimento de seus inúmeros leitores o JORNAL DO POVO tem o prazer de noticiar que mais duas grandes e significativas edificações serão erguidas – uma para o funcionamento de um aparelho frigorífico e outra destinada a instalação de uma grande fábrica de caixa e aplainados. Do frigorífico sabemos que farão parte os industriais, dr Serafim

⁹⁶ CHAPECÓ terá um luxuoso cinema. **Jornal do Povo**. Chapecó, p.1, 22 de fev. de 1951.

⁹⁷ BRESCIANI, op. cit., p. 13.

Bertaso, Paulo Pasqual e também a importante firma Gaúcha Pagnoncelli S.A., Com sede na vizinha cidade de Erechim. [...]

Pela informação colhida desses dois elementos de Passo Fundo e do vizinho Estado Sulino, podemos assegurar que uma grande área de terra, localizada num dos arrabaldes de Chapecó, foi escolhida para a instalação dos dois grandes empreendimentos acima referidos. É mais ainda que a Fábrica de Caixas e Aplainados situada no distrito de Coxilha, no município de Passo Fundo, de propriedade de Sirotsky, Birmann S. A., Será transportada para cá. [...]⁹⁸

A reportagem demonstra a preocupação do referido jornal, com o progresso que vem junto com a criação de novas indústrias, e como já comentado no capítulo anterior, começam a ser visualizadas possibilidades de exploração dos setores secundários e terciários da economia, devido ao bom desenvolvimento, e garantia de matérias primas suficientes vindas da agricultura. Houve também um grande incentivo por parte deste para a instalação de uma agência do Banco do Brasil, com o intuito de facilitar transações econômicas dos moradores e comerciantes, e uma incessante luta pela melhoria das instalações da agência postal e telégrafo, para que as correspondências chegassem mais rápidas e de forma melhor.

Porém não bastavam incentivar a criação de novas indústrias e comércio, os jornais apontavam para a existência de muita dificuldade para a chegada e saída de mercadorias, devido à falta de estradas adequadas, complicando o deslocamento entre a sede e os distritos. Neste sentido os periódicos contribuíram, no sentido de serem vigilantes e cobrarem insistentemente das autoridades a abertura de novas estradas, ferrovias, ruas e manutenção das já existentes:

Se ousássemos iniciar os primeiros passos para a construção de uma estrada de ferro que partindo de União da Vitória passasse por Palmas, Clevelândia, Pato Branco (no Paraná) Campo-Erê, Mondai, Palmitos, S. Carlos, Guatambu, Chapecó, (Sta. Catarina) unindo-se a Erechim (R.G. do Sul) teríamos conseguido algo de promissor para os Estados Sulinos.

De interesse vital, esse empreendimento ligaria os Oestes Paraná-Sta. Catarina – Rio Grande do Sul, facultando-lhes maior intercâmbio comercial.

Escoar-se-iam de Chapecó, para o Sul ou Norte, o trigo, o milho, feijão, suínos e demais produtos aqui existentes em grande escala; para aqui viriam com mais assiduidade, os de que carecemos. O transporte rodoviário, dispendioso, apenas nos facultava passageiros eventuais rumos aos pampas gaúchos, ou em demanda do Paraná, zona Norte, hoje considerado um novo ELDORADO! (diga-se de passagem, aquela zona é servida de apreciável rede ferroviária). Com um pouco de boa vontade de nossos Governantes, coadjuvados pelo Governo Federal. Poder-se-ia dar início a essa obra, objeto de escurados estudos. [...]⁹⁹

Uma reivindicação da população de Chapecó era com relação à construção de uma ferrovia, que pudesse ligar os três estados do sul, passando por vários distritos inclusive pela

⁹⁸ CONSTRUÇÃO de um frigorífico e de uma importante fábrica de caixas e aplainados. **Jornal do Povo**. Chapecó, 22 de fev. de 1951.

⁹⁹ JOR, Peregrino de Souza. Ferrovias. **O Imparcial**. Chapecó, 22 de abr. de 1951.

sede do município. Pois com isso facilitaria a mobilidade, ligando-o a todo o restante do país, e facilitando a entrada e saída de produtos, expansão comercial para novos espaços, entre outros. Para termos uma noção de como estava estruturada a questão viária recorreremos a Alba:

Além dos longos trechos de rodovias, foram feitas também pontes e bueiros, marcando a participação do governo estadual, em 1951, com a instalação do Departamento de Estradas e Rodagem (DER). Nesta época Chapecó contava com as seguintes estradas de rodagem: estaduais – Chapecó a Dionísio Cerqueira (190 km. Ligando o extremo – oeste e a Argentina), Chapecó a Joaçaba (160 km, que ligava também Xaxim e Xanxerê, o estado do Paraná e a partir de Joaçaba um ramal ligava Lages e Florianópolis), Chapecó a Goio-En (24 km, ligando o estado do Rio Grande do Sul); municipais – Chapecó estava ligado nesta época por um bom número de estradas com diversos caminhos a várias vilas e comunidades do interior, facilitando o transporte de pessoas e, sobretudo, de produtos. De acordo com dados do IBGE, totalizava neste mesmo período 230 km de estradas que ligavam o município. É importante lembrar que esses caminhos eram bastante precários, eram estradas de chão. Mesmo assim, é merecedor de atenção este registro, pois, de qualquer forma, essas estradas representavam um grande avanço, se comparadas com as “picadas” que anteriormente eram utilizadas para o transporte. As estradas faziam parte da demanda que se observava por meio do desenvolvimento econômico que ia acontecendo na região, naquele momento.¹⁰⁰

Tal demanda ficava com o passar dos anos cada vez maior, tanto que em 1951 uniram-se forças entre o município de Chapecó e Concórdia para a construção de uma estrada que ligasse os, diminuindo a distâncias entre este e outros importantes municípios da região com o intuito de facilitar o desenvolvimento econômico e a mobilidade dos cidadãos:

[...] Essas autoridades, que permaneceram dois dias em nossa cidade, em contato com o Prefeito Municipal, trataram demoradamente sobre o assunto da estrada que ligará Chapecó à cidade de Concórdia ficando ambas distantes 80 quilometro encurtando portanto 60 quilômetros da estrada via Xanxerê e Seara que atualmente é a única estrada que liga nosso município, em 140 quilômetros. Outra grande vantagem trará para nós a ligação com Joaçaba, ficando Chapecó distante 164 quilômetros, pois, a atual estrada geral tem 190 quilômetros. Assim podemos observar a grande conveniência para o nosso município que está dependendo unicamente do nosso trecho até o rio Irani, de 15 quilômetros, segundo apurado a nossa reportagem¹⁰¹ [...].

A preocupação com uma boa infraestrutura viária foi algo percebido desde o início da colonização, como é comentado por Alba:

Para uma região tão carente de qualquer infraestrutura, as estradas eram as maiores e as mais importantes inovações que os colonizadores poderiam construir, e através delas que era escoada a produção também permitida a circulação de novos colonos compradores da terra, transformada em mercadoria, gerando renda aos desbravadores.¹⁰²

¹⁰⁰ ALBA, Rosa Salete. **Espaço urbano: os agentes da produção em Chapecó**. Chapecó: Argos, 2002. p. 32.

¹⁰¹ ESTRADA, Chapecó a Concórdia. **Jornal do Povo**. 26 de abr. de 1951.

¹⁰² ALBA, op. cit. p. 24.

Esta preocupação continuou se fazendo presente, como podemos perceber através dos jornais na década de 1950, os agentes discursivos que expressavam suas opiniões nas páginas dos periódicos locais, tinham a visão de que o desenvolvimento dependia muito das estradas. Onde a boa infraestrutura destas propiciaria vários benefícios, entre eles escoamento de produtos, num momento em que a agricultura esta sendo impulsionada pelas forças intelectuais que buscavam o desenvolvimento econômico e que percebiam o potencial econômico da região. Neste contexto começam a serem pesadas e articuladas às primeiras agroindústrias como comentamos anteriormente.

A terra deixou de ser exclusivamente natureza e fonte de alimentos das comunidades locais para se transformar em capital, que gerou a riqueza das empresas colonizadoras e dos comerciantes que estabeleceram a relação de compra e venda entre os agricultores e o comércio regional e nacional. E foram tais relações capitalistas, adaptadas às especificidades do lugar, que possibilitaram a acumulação e a concentração do capital necessário para a implantação das agroindústrias que posteriormente se desenvolveram na região.¹⁰³

As pequenas propriedades formadas no início da colonização começaram a ganhar incentivo, e com isso ampliar sua produção com objetivo de comercializar o excedente visando obter lucros, ao ponto em que contribuía para o desenvolvimento. Visualizamos uma preocupação bastante grande com a agricultura, estampada nas páginas dos jornais da década de 1950, eram apelos nacionais e regionais para que o agricultor ampliasse a produção. O próprio presidente da República em um dos seus pronunciamentos solicita isso, para que assim pudesse baratear o custo de vida da população brasileira. Os jornais de Chapecó deram destaque a este apelo, com o intuito de estimular e conscientizar a população agrícola:

O Exmo. Sr. Presidente da Republica Dr. Getúlio Vargas, em seu último e discutido discurso conclamou todos os brasileiros, agricultores e pecuaristas, a se congregarem para, todos unidos, contribuírem para o incremento de produção. **Esse seu apelo, para uma zona como a de Chapecó, essencialmente agrícolas, deve calar fundo e deve ser atendido.**

A produção nacional tem que ser aumentada para que tenhamos o barateamento do custo de vida. A campanha é grandiosa e exige cooperação de governos e povo. E, para que tenhamos atingido o fim desejado, a união de todos os interessados é indispensável.

A Associação Rural é o ponto de reunião de todos os agricultores que queiram sinceramente colaborar com o Governo nesta campanha de salvação nacional.

Nela, na Associação Rural, todos os agricultores e pecuaristas do Município se congregarão e terão por dirigentes seus próprios companheiros de atividades agrícolas e pastoris. Não podemos agora que se inicia tão grande campanha, cometermos os erros do passado. A direção da nossa Associação Rural tem que ser entregue a pessoas que pertençam realmente às classes interessadas.¹⁰⁴

¹⁰³ Ibid . p.34.

¹⁰⁴ CLASSE Rural. **O Imparcial**. Chapecó, 15 de abr. 1951. (grifo nosso)

A reportagem ao mesmo tempo em que busca comentar o discurso do Presidente da República e o telegrama recebido pelo prefeito municipal. Aproveita para chamar os agricultores para aderirem a esta proposta. Dizendo que para zonas como Chapecó, que possuem uma base econômica praticamente toda voltada à agricultura, e a extração de madeiras, que teve sua essência a partir destas, e ainda naquela década o que predominava eram a atividade agrícola e a madeireira, deveria compreender este apelo e atendê-lo. Para isso chama-os para organizar uma associação rural, mas que seja comporta por pessoas que pertençam a esta classe, e não cometer os mesmo erros do passado, ou seja, criar uma associação rural em que os membros não são agricultora.

Mas ao mesmo tempo em que os jornais buscam conscientizar a população rural de que devem aderir à proposta de ampliação da produção, constroem e divulgam críticas referentes à falta de estrutura do município. Também são apresentados nas páginas dos jornais problemas que o desenvolvimento e a ampliação agrícola trazem se mal assistidos pelos poderes competentes:

Não é possível que um município com o nosso fique sem armazém para trigo, grande produtor que é Chapecó além de ficar em um canto do Estado, não possui estrada de ferro para escoamento imediato de seus produtos assim já se pode perfeitamente justificar a necessidade de também sermos atendidos pelo Governo. A grande produção de trigo no município chega até ser apodrecida por falta absoluta de meios adequados neste vasto sertão, e ainda o Governo Federal esquece de estudar caso como o nosso e não somos só nós que estamos gritando, também outros municípios na mesma situação. [...] ¹⁰⁵

No trecho acima o jornal apresenta a preocupação de problemas com a falta de estrutura que o município apresenta no primeiro ano da década, pois além de não possuir ferrovias que possam escoar a mercadoria de forma imediata, ainda não possui silos de armazenamento da mesma. E o governo federal que solicitava a ampliação da produção não se preocupava em estruturar regiões como esta, se localizada no interior do país, e que passava muitas dificuldades. O problema da falta de infraestrutura e organização, não era sentido apenas na esfera municipal ao que se trata da agricultura. Mas percebemos isso no decorrer dos anos anteriores e continua se fazendo presente neste início de década, os mesmos problemas de falta de estruturação do desenvolvimento e do crescimento na esfera urbana de Chapecó. Que sofreu uma ampliação populacional e desenvolvimentista, porém existiam poucas políticas públicas voltadas a solucionar problemas básicos que emergem junto com o

¹⁰⁵ CHAPECÓ não foi beneficiado pelo Ministério da Agricultura. **Jornal do Povo**. Chapecó, 24 de maio de 1951.

crescimento da urbe. Um dos casos mais destacados pelas páginas dos jornais em Chapecó era com relação à mendicância:

Dentro da incapacidade e da indiferença das autoridades que dirigem Chapecó, está o problema da mendicância infantil uma das maiores chagas de toda cidade que se diz e quer ser efetivamente uma cidade civilizada. Não podemos conceber dentro do verdadeiro senso de justiça, que crianças, sem nenhum freio moral, andem perambulando, horas e horas pela nossa cidade, sem que se tome providências enérgicas no sentido de pôr um fim a tal situação. Onde estão as providências dos poderes públicos? Onde está a nossa famosa Câmara Municipal, que se orgulha de nada fazer e de nada providenciar? Para quem apelar nessa contingência, nessa dolorosa contingência, quando as crianças passam fome, onde as crianças andam maltrapilhas e esfarrapadas, quer nas vestimentas quer na moral?

Sim, incapacidade ou indiferença! Ou, as nossas autoridades são incapazes de resolver este crucial problema social de Chapecó, ou elas são indiferentes, alheias ao sofrimento alheio! Tanto em um como em outro caso sua atitude é condenável merecendo, como merece com justiça a reprovação de todo chapecoense que ama sua terra. Incapacidade do poder legislativo municipal que durante seu mandato fechou os olhos criminosamente, para esse cancro social, verdadeira vergonha de Chapecó, vergonha da qual o poder municipal não se envergonhou, infelizmente! Incapacidade do juizado de menores, que nada fez para, ao menos reprimir tal mendicância, o que já seria louvável, porque demonstraria interesse e boa vontade, além de sadia intenção de modificar tal estado de coisas. [...] ¹⁰⁶

Ao observarmos tal publicação, feita por um dos maiores críticos da antiga administração municipal de Chapecó, o advogado Roberto Machado, percebemos que neste artigo ao mesmo tempo em que se constrói uma crítica aos que governavam Chapecó até 1951, surge um apelo do que ele chama de “cancro da sociedade” e “verdadeira vergonha de Chapecó” que seria o problema da mendicância de crianças pelas ruas da cidade, a matéria aborda um dos problemas enfrentados na cidade. Ao que parece, quando fazemos a leitura deste e outros comentários sobre o assunto estampados nas páginas dos periódicos, é algo que vem de longa data, mas que não teria sido pensado pelos que buscavam projetar uma cidade desenvolvida e moderna. Segundo ele este seria um dos maiores problemas de toda cidade que se diz e quer ser uma cidade civilizada, pretendendo afirmar que este problema demonstra a não civilidade. Ou seja, sem debater e solucionar o problema, não seria possível alcançar a tal “civilidade” e tão pouco a modernidade. O “Jornal do Povo” tem uma grande preocupação com imagem negativa que a mendicância pode causar para a cidade, como percebemos em outra publicação sobre o assunto o artigo

“Verdadeira onda de menores perambulando em nossa cidade”

Nossa cidade parece que esta destinada a ser a capital da mendicância, porque o número de esmoleiros é regular e agora a coisa parece que está aumentando com o grande número de menores que percorrem diariamente as ruas de nossa cidade a pedir esmola.

A Polícia devia de tomar uma medida enérgica com relação aos mendigos, pois um fichário dessa gente deveria existir na DP, afim de verificar do que realmente

¹⁰⁶ MACHADO, Roberto. Incapacidade ou Indiferença. **Jornal do Povo**. Chapecó, p. 2, 09 de Fev. de 1951.

necessitam, e os vagabundos, trancafiar na cadeia ou serem deportados de nosso município.

Já por diversas vezes este jornal aborda este caso, sem ter a mínima atenção por parte das autoridades competentes, e a coisa só aumenta, dada a verdadeira liberdade que existe nesse ramo de esmoleiros.

Porque a Delegacia local não determina um determinado dia na semana, para os verdadeiros necessitados percorrerem a cidade e conseguirem dos corações generosos esmola, porque assim evitar-se-ia esse enorme movimento diário de esmoleiros na cidade.

Um outro caso a que deve ser posto termino, pela autoridade é sobre o grande número de menores que também aumenta dia a dia, e se não for posto termino nesse caso, Chapecó ficará denominada capital dos vagabundos e da mendicância.¹⁰⁷

A partir desta publicação, reafirmamos que o “Jornal do Povo” se preocupa com a visão negativa que este problema gera nas pessoas, chegando até a afirmar algumas vezes que se não fosse resolvido, tal situação, Chapecó acabaria sendo denominada como “capital da vagabundagem e da mendicância”, nos chama atenção que a solução proposta pelo órgão da imprensa escrita, não é resolver o problema a partir de sua vertente, mas mascarar a adversidade. O comentador do assunto no jornal não se ateuve ao fato de que só existiam esmoleiros e mendigos, devido à falta de políticas públicas eficazes que resolveriam o problema e diminuiriam a diferença econômica e social existentes. Mas acreditava que uma solução para a intensa onde destes nas ruas, seria determinar um dia da semana para que pudessem apenas neste perambula, ou então que a polícia deveria tomar medidas emergências, chegando até a comentar que deveriam deportar do município os devidos necessitados.

No mesmo sentido, buscando contribuir com a modernidade que vem chegando à cidade, os jornais se preocupavam em divulgar leis e normatizações de certas práticas, algo que já ocorria antes desta década e que ainda continua sendo algo presente nas páginas dos periódicos. Como podemos perceber, são criadas leis e normas que busquem acabar com hábitos não adequados para o momento que Chapecó esta vivendo, de pleno desenvolvimento, como a criação de suínos e bovinos no perímetro urbano:

Alceu G. Cardoso, fiscal Geral do Município de Chapecó, Estado de Santa Catarina
ordem do Exmo. Snr. Dr. Prefeito Municipal.

Faz saber a quantos o presente Edital, virem ou dele conhecimento tiverem e se interessa possam que, é expressamente proibido criações tais como animais e gado de quaisquer espécie andar a solta pelas ruas dos perímetros urbanos desta cidade e nos lugares que sejam sedes de distritos, bem como nas zonas rurais.

Os contraventores (proprietários dessas criações), ficam sujeitos á apreensão das mesmas, além da respectiva multa de Cr\$ 20,00 à Cr\$ 100,00, e despesas feitas com a apreensão, transportes e manutenção das mesmas.

¹⁰⁷ VERDADEIRA onda de menores perambulando em nossa cidade. **Jornal do Povo**. Chapecó, p. 2, 02 de Fev. de 1952.

E, para que ninguém alegue ignorância lavrou-se o presente Edital que será afixado em lugares públicos e publicado na imprensa local.

Prefeitura Municipal de Chapecó, 19 Março de 1951.

Alceu G. Cardoso
Fiscal Geral do Município.¹⁰⁸

O teor do edital como pode ser percebido, é de práticas higienistas da cidade, proibindo a criação de animais de qualquer espécie que possam estar soltos pela mesma, pois este era um hábito frequente de moradores rurais e que não poderia ter continuidade no espaço urbano que havia sido ou estava sendo construído em Chapecó, pois isso causava a impressão de um espaço desorganizado e sem desenvolvimento, ao mesmo tempo em que acabava provocando a proliferação de certas doenças. Da mesma forma que o “Imparcial”, o “Jornal do Povo” se preocupa e chama a atenção para problemas como este:

Já é tempo da municipalidade dar um jeito em certos moradores de nossa cidade, com relação a criação e engorde de porcos em nossa cidade. Uma ótima medida já tomada pela Prefeitura em ter posto ponto final com os abusos de animais soltos pela cidade. Assim esperamos que essa reclamação que estamos fazendo encontre apoio entre as autoridades responsáveis, e que os próprios colaborem com o poder público para que Chapecó seja uma cidade cem por cento.¹⁰⁹

Durante o início da década estudada foram encontradas apenas discussões sobre o assunto nos seguintes jornais “O Imparcial” e “Jornal do Povo”, porém sabemos que o “A Voz de Chapecó” também teve a mesma preocupação, pois os anos anteriores são publicadas várias notícias e comentários, orientando o povo quando a questões do gênero. Chapecó esteve um grande desenvolvimento tanto urbano quando rural de sua população, segundo dados obtidos no artigo de Fujita¹¹⁰ conforme tabela 1:

[Tabela 1: Chapecó. Evolução da população de Chapecó e a variação percentual entre a população urbana e rural do período. 1940 a 2010

Ano	Urbano	Var. %	Rural	Var. %	Total
1940	4.128	9,31%	40.199	90,69%	44.327
1950	9.736	10,08%	86.868	89,92%	96.604

Tabela 1: tabela retirada do artigo **CHAPECÓ: estrutura e dinâmica de uma cidade média do oeste** de Camila Fujita

¹⁰⁸ CARDOSO, Alceu G. Edital. **O de Imparcial**. Chapecó 15 de abr. de 1951.

¹⁰⁹ VAMOS terminar com a criação de suínos no centro da cidade. **Jornal do Povo**. Chapecó, p 2, 24 de maio. de 1951.

¹¹⁰ FUJITA, Camila. CHAPECÓ: estrutura e dinâmica de uma cidade média do oeste. **Geo Uerj**, V.1 n°24, p. 312-338, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/6918/5032> acessado em: 15 de jun. de 2017.p. 319.

Chapecó obteve um crescimento considerável entre as décadas de 1940 e 1950 não só da população do município como um todo, mas também da população urbana que é o que mais nos interessa no momento. E devido a este aumento, existe a necessidade de dar continuidade a alguns discursos de cidade, voltados a orientação dos cidadãos sobre os problemas que emergiam junto com o desenvolvimento da cidade, bem como o debate e a busca por encontrar soluções através das páginas dos jornais, como podemos perceber nos trechos apresentados acima.

No decorrer deste segundo capítulo tivemos a intensão de mostrar continuidades e rupturas dos discursos de cidade, debatidos pelos grupos que detinham prestígio econômico e político em Chapecó, percebendo que estes em alguns momentos coagiram de acordo unicamente com seus interesses políticos, econômicos, sociais e religiosos. Ao mesmo tempo em que eram quem debatia a cidade e seus problemas, bem como seu desenvolvimento e sua modernidade, sendo assim, estes muitas vezes tinham o intuito de conduzir a população para sua forma de pensar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O intuito desta pesquisa foi perceber como ocorreram os discursos de desenvolvimento da cidade de Chapecó, publicados nos jornais locais, a partir durante o biênio de 1950/1951, pensando que o ano de 1950 foi marcado pelo linchamento e pelas eleições. Dois fatos importantes na história de Chapecó, que trouxeram modificações quando a forma de pensar a cidade, trazendo também novos agentes propagadores de discursos desta e de suas questões urbanas. Ao finalizamos a pesquisa podemos perceber que a grande modificação ocorrida neste meio teve emergência atrases das eleições, pois devido a elas que se criaram dois novos jornais locais, os quais foram de extrema importância para que pudéssemos obter respostas mais concretas sobre o nosso problema, pois a partir do surgimento destes pudemos ter uma visão ampla e aberta sobre Chapecó. Levando em consideração também que tivemos grande dificuldade em encontrar na integra todas as edições do jornal “A Voz de Chapecó”, que dificultou a nossa pesquisa principalmente a partir do segundo semestre de 1950. Tivemos suporte para darmos sequência a partir do que foi publicado nos jornais “O Imparcial” e “Jornal do Povo”. Tendo ciência de que cada um dos jornais possui características e opiniões bastante distintas.

Foi a partir da criação destes jornais, que se fizeram presentes as concepções dos novos agentes discursivos da cidade, que haviam surgido durante este início de década. A partir das eleições é que ocorrem as grandes rupturas, primeiro já com uma nova abordagem do jornal “A Voz de Chapecó”, que anterior a este fato não deixava transparecer de forma clara sua posição partidária, e após este momento é dominado por um efervescente caráter partidário. Em seguida com a criação dos novos meios de comunicação escrita que seriam apoiadores da nova administração municipal e fortes críticos a administração anterior. Neste ponto sentimos que diferente do que imaginávamos, há grande enfoque nas questões políticas partidárias e menos preocupação com o linchamento. Esperávamos encontrar nas fontes, intensas discussões a respeito da imagem positiva de Chapecó, que viessem desconstruir toda a má impressão que a chacina causos. Porém esta não foi tão acentuada, como os ofensivos artigos de caráter político, que denegriam a cidade, o município e seus habitantes. Provocando descontentamento da população local que lia os jornais, e confirmando o que estava sendo divulgado na imprensa nacional sobre violência e desordem em que o município do interior de Santa Catarina vivia.

Foi possível observar, ao contrário do que ocorria nas décadas anteriores, a intenção de desconstruir a imagem heroificada da família Bertaso e de seus aliados. Isso não era

possível ser visualizado antes de 1950, por que “A Voz de Chapecó” tinha como um dos fundadores e sócios proprietários membros desta mesma família. A ruptura de certas práticas se dá neste momento devido ao rompimento do monopólio intelectual, que demonstrava sua opinião sobre assuntos de Chapecó através da imprensa. Com uma abertura maior e várias visões surgindo, ao mesmo tempo em que ocorre a perda do poder administrativo, fica difícil controlar o que pode ou não ser divulgado para a população, nas páginas dos jornais. Mesmo percebendo que terem perdido o controle da situação, ainda de forma menos intencional, estes grupos tentam ocultar algumas informações para obter benefícios.

Verificando ocorrerem rupturas quando a prática discursiva em Chapecó, ao mesmo tempo em que em certos aspectos ocorreram continuidades no desejo de desenvolver e modernizá-la. De forma mais marcante os jornais “O Imparcial” e o “Jornal do Povo” se preocupam em mostrar que a cidade está dando segmento ao progresso, quando são publicadas reportagens e comentários sobre novos investimentos, sobre a preocupação com a mobilidade e construção de boas estradas, são pensados também os problemas sociais desta e são criadas leis para normatizar práticas. Porém podemos entender que muito do que estava sendo divulgado, não tinha apenas o intuito de mostrar as continuidades, ou talvez nem tivesse este intuito, mas possivelmente foi dado destaque a estes para tentar reverter uma estagnação econômica, que alguns autores da história regional falam ter ocorrido em Chapecó no período que sucedeu o linchamento.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

1. Jornais

CAFÉ Cinelândia. **O Imparcial**. Chapecó, p. 2, 04 de mar. 1951.

CAMARGO, Darci de, VIEIRA, Nicolau G. EDITAL N. /50: POSTO DE SAUDE “Seção de Política Sanitária”. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p. 1, 5 de fev. 1950.

CAMARGO, Darci de, VIEIRA, Nicolau G. Seção de Política Sanitária. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 5 de fev. 1950.

CARDOSO, Alceu G. Edital. **O de Imparcial**. Chapecó 15 de abr. de 1951.

CHAPECÓ terá um luxuoso cinema. **Jornal do Povo**. Chapecó, p.1, 22 de fev. de 1951.

CHAPECÓ não foi beneficiado pelo Ministério da Agricultura. **Jornal do Povo**. Chapecó, 24 de maio de 1951.

CLASSE Rural. **O Imparcial**. Chapecó, 15 de abr. 1951.

COMO progride o nosso município. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p.1, 12 de fev. 1950.

CONSTRUÇÃO de um frigorifico e de uma importante fábrica de caixas e aplainados. **Jornal do Povo**. Chapecó, 22 de fev. de 1951.

CRIMES DE MORTE. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p.1, 16 de abr. 1950.

ERING, Leopoldo Olavo. Homens de “Boa Vontade”. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 31 de Dez.1950.

ESTRADA, Chapecó a Concordia. **Jornal do Povo**. 26 de abr. de 1951.

FUTEBOL: empatada a partida entre o Independente F.C e o Cruzeiro F.B. **O Imparcial**, Chapecó, p. 2, 11 de mar. 1951.

GONZAGA, Gustavo. Há Mouros na Costa!... . **O Imparcial**. Chapecó, p.4, 18 de mar. de 1951.

GONZAGA, Gustavo. Desfazendo Calúnias: Reina Paz em Chapecó. **O Imparcial**. Chapecó, p. 2, 22 de abr. de 1951.

GONZAGA, Gustavo. Convicção religiosa e politica. **Chapecó**, 01 de jul. de 1951.

HOSPITAL Santo Antonio: Donativos de Quarto. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p. 1, 7 de mai. 1950.

IGREJA cristã presbiteriana de Chapecó. **Jornal do Povo**. Chapecó, 17 de nov. de 1951.

INCENDIOS. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p. 1, 26 de fev.1950.

ITAPIRANGA. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p.1, 15 de jan. 1950.

JOR, Peregrino de Souza. Ferrovias. **O Imparcial**. Chapecó, 22 de abr. de 1951.

MACHADO, Roberto. Incapacidade ou Indiferença. **Jornal do Povo**. Chapecó, p. 2, 09 de Fev. de 1951.

MACHADO, Roberto. Terra de Ninguém. **O Imparcial**. Chapecó, p. 1, 25 de fev. de 1951.

MACHADO, Roberto. Os Amigos da Onça. **O Imparcial**. Chapecó, p. 1, 13 de maio de 1951.

MACHADO, Roberto. Verdade e Abaixo- assinados. **O Imparcial**. Chapecó, p. 1, 20 de maio de 1951.

NOVA fabrica de camas tipo patente, em nossa cidade. **Jornal do Povo**. Chapecó, 01 de fev. de 1951.

O GOVERNADOR Irineu. **Jornal do Povo**. Chapecó, p.4, 24 de nov. de 1951.

OS DESMEMORIADOS. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p. 1, 18 de fev. de 1951.

PALMA, Jacy. Derrota Merecida. **O Imparcial**. Chapecó, p.4, 25 de fev. de 1951.

PEMBERTON, Olson, Jr. O programa evangélico. **O Imparcial**. Chapecó, p. 1, 25 de nov. de 1951.

RELATORIO, enviado pelo Diretório Municipal do PTB à Comissão Executiva Estadual. **Jornal do Povo**. Chapecó, 22 de set. de 1951.

RHODAN, Ervino. Crônica de Chapecó. **Jornal do Povo**. Chapecó, 04 de ago. de 1951.

RUAS. S. Esclarecimentos necessários. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 21 de maio. 1950.

SCHENEIDER, Vicente João. Chapecó não é tão mau assim... . **O Imparcial**. Chapecó, 24 de jun. de 1951.

UMA exceção. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p. 1, 17 de jun. de 1951.

VAMOS terminar com a criação de suínos no centro da cidade. **Jornal do Povo**. Chapecó, p 2, 24 de maio. de 1951.

VERDADEIRA onda de menores perambulando em nossa cidade. **Jornal do Povo**. Chapecó, p. 2, 02 de Fev. de 1952.

VERIDIANO. Aos que criticam o Papa. **O Imparcial**. Chapecó, p. 1, 16 de set. de 1951.

VOCÊ Sabia. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 15 de Jan.1950.

VOCÊ Sabia. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, 29 de Jan.1950.

ZIMMERMANN, Olintho. Chapecó não é assim. **A Voz de Chapecó**. Chapecó, p. 1, 04 de mar. de 1951.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBA, Rosa Salete. **Espaço urbano: os agentes da produção em Chapecó**. Chapecó: Argos, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989. – (Obras escolhidas ; v. 3).

BRESCIANI, Maria Stella. A cidade: objeto de estudo e experiência vivenciada. In: **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 6, n. 2, p. 9-26, nov. 2004.

BOBBIO, Norberto. Teoria das elites. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. (orgs). **Dicionário de política**. Brasília: EDUNB, 1992.p. 385-391.

CALONGA, Maurilio Dantielly. O jornal e suas representações: objeto ou fonte da história? In: **Revista de Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados - MS**, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 79-87, nov 2012. ISSN: 2316-3992.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Barreta Neto. 7 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FUJITA,Camila. CHAPECÓ: estrutura e dinâmica de uma cidade média do oeste.In: **Geo Uerj**,.V.1 n°24, p. 312-338, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/6918/5032> acessado em: 15 de jun. de 2017.p. 319.

GOLO, Cristiomar. **Reconfigurações espaciais no Oeste Catarinense: considerações acerca do rural e do urbano (1917- 2013)**. 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, curso de pós-graduação em Geografia, Santa Maria, 2013.

HASS, Mônica. **Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo do poder local 1945 – 1965**. Chapecó: Argos, 2000.

_____. **O linchamento que muitos querem esquecer: Chapecó, 1950-1956**. Chapecó: Argos, 2013.

HIRSCH, Maria Adelaide Pasquali. **Ernesto Bertaso de Verona a Chapecó**. Chapecó: Argos, 2005.

LUCCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

LOHN, Lindolfo Reinaldo. **Limites da utopia**: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). Disponível Em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100013. Acessado em: 07 de jun. de 2017.

MONTEIRO, Charles. Entre História Urbana e História da Cidade: questões e debate. In: **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 5, n.1, jan./jun. p. 101-112, 2012.

NODARI, Eunice. **S. Etnicidades renegociadas**: práticas socioculturais no oeste de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2009.

PESAVENTO, Sandra J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. Estudos Históricos. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro v.8, n.16, p.279-90, 1995.

_____. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo. Vol. 27, n. 53, jan./jun. 2007. p.11-23

_____. Cidades imaginárias: literatura história e sensibilidades. In: **Fênix**: Revista de História e Estudos Culturais. [S. l.]. Vol 6, ano VI, n. 1, jan./fev./mar. 2009. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/vol18sandra.php>>. Acesso em: 20/08/2016.

PETROLI, Francimar Ilha da Silva. **Construindo a ordem e o progresso através do Jornal a Voz de Chapecó (1939-1941)**. Chapecó: Unochapecó, 2005.

PETROLI, Francimar Ilha da Silva. **Um desejo de cidade, um desejo de modernidade (Chapecó, 1931-1945)**. 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de pós-graduação em História, Florianópolis, 2008.

VICENZI, Renilda . **Mito e história na colonização do oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2008.

VITORIA, Fernando. A. **De “Velho Xapecó” a “Polo formador de polos”**: A construção discursiva da “Capital do Oeste”. 2011. 156.p. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.